



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS CENTRO DE ARTES

CENTRO DE ARTES

CURSO DE DANÇA - LICENCIATURA



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A MULHER no Hip-Hop dance:

resistência e empoderamento

Francine da Silva Lemos

Pelotas, 2024

Francine da Silva Lemos

A MULHER no *Hip-Hop dance*:

resistência e empoderamento.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Dança-Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas como requisito à obtenção de título de licenciada em dança.

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

L555m Lemos, Francine da Silva

A Mulher no Hip-Hop dance [recurso eletrônico] : resistência e empoderamento / Francine da Silva Lemos ; Ana Cristina Ribeiro Silva, orientador. — Pelotas, 2024.

110 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Dança, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Mulher. 2. Resistência. 3. Hip-hop dance. 4. Cultura hip-hop. 5. Empoderamento. I. Silva, Ana Cristina Ribeiro, orient. II. Título.

CDD 781.63

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Francine da Silva lemos

Título: A MULHER no *Hip-Hop dance*

Subtítulo: resistência e empoderamento.

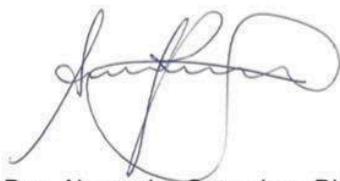
Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel(a) ou Licenciatura em Dança- Licenciatura, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 07/03/2024

Banca examinadora:

Prof(a). Dr(a). Ana Cristina Ribeiro Silva (Orientadora)

Doutora em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas UNICAMP (BR).



Documento assinado digitalmente
gov.br ANA CRISTINA RIBEIRO SILVA
Data: 13/03/2024 08:40:45-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.(a) Dra. Alexandra Gonçalves Dias

Doutora em Dança pela University Roehampton (UK)

Documento assinado digitalmente
gov.br ALEXANDRA GONCALVES DIAS
Data: 13/03/2024 17:21:06-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof(a). Dra Josiane Gisela Franken Corrêa

Doutora em Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (BR)

Documento assinado digitalmente
gov.br JOSIANE GISELA FRANKEN CORREA
Data: 10/03/2024 17:13:49-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

DEDICATÓRIA

Dedico à minha MÃE.

Dedico à todas as MULHERES
que são artistas, mães, produtoras, diretoras, ativistas.

Dedico à todas as MULHERES
que fazem parte da cultura *Hip-Hop* e do *Hip-Hop dance*.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me permitir ter forças e vitalidade para assim estar imersa nesse propósito chamado dança.

Agradeço à minha família por sempre incentivar e potencializar meus sonhos e objetivos.

Agradeço à minha MÃE amada que sempre está e esteve comigo, desde que eu resolvi dançar *Hip-Hop*. Obrigada por acreditar, apoiar e incentivar.

Agradeço a todos os participantes do meu grupo CDP (Coletivo de Dança de Pelotas) por sempre toparem as aventuras dançantes.

Agradeço ao Vovô Uantpi, meu professor.

Agradeço aos professores/as do curso por todo aprendizado em todas as disciplinas.

Agradeço à Profa Dra **Rita Irwin** da Universidade da Columbia Britânica (*University of British Columbia*) no Canadá que, através da metodologia A/R/Tografia me possibilitou dar maior visibilidade às MULHERES, a seus nomes, artes, falas e pesquisas, destacadas no decorrer do trabalho com letras maiúsculas e **cor vermelha** (as escolhas serão detalhadas na introdução).

Agradeço à Artista e Grafiteira **Carla Gisele** pelas artes realizadas para a monografia.

Agradeço à **Profa. Dra. Ana Cristina Ribeiro**, pelos direcionamentos e por ser uma MULHER que também faz parte da Cultura Hip-Hop.

Agradeço a mim por não ter desistido nesse caminho.

Alguém me disse
"isso não é pra mim"
Que não posso nem sonhar
Com os passos que darei
Eu posso sim!
Eu posso sim, baby
(CLAWDIA EJARA, 2016)

Resumo

LEMOS, Francine da Silva. **A MULHER no *Hip-Hop Dance*: Resistência e Empoderamento.** Orientadora: **Ana Cristina Ribeiro Silva.** 2024. 113 f. Trabalho de conclusão de Curso de Dança Licenciatura – Centro de Artes. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2024.

Essa monografia teve como objetivo refletir sobre a resistência e empoderamento das MULHERES no *Hip-Hop dance* e como ELAS estão cada vez mais ocupando determinados espaços neste cenário. No contexto histórico e de gênero, dialoguei com o FEMINISMO e MULHERISMO AFRICANA a partir das autoras **Katiuscia Ribeiro (2018)**, **Aza Njeri (2018)**, e contextualizei a Cultura *Hip-Hop* e o *Hip-Hop dance* através da experiência na cena, com a meta de destacar as AUTORAS e ARTISTAS MULHERES nas suas pesquisas e no labor artístico. A partir da A/R/Tografia (DIAS; **IRWIN** 2013) como metodologia, rememorei momentos da minha trajetória, organizei um questionário para outras ARTISTAS do *Hip-Hop dance*, poetizei a escrita para realçar as falas FEMININAS e criei estratégias para dar visibilidade e protagonismo à ELAS. Entendendo que “a Batalha ainda continua”, concluo que *Hip-Hop dance* é um estilo de dança contemporâneo que utiliza a polirritmia e é policêntrico e, como princípio, estão os fundamentos do *Bounce*, *Rock* e *Groove*, juntamente com os passos sociais que permitem a expansão e a criação de novas variações e repertórios das(os) ARTISTAS no seu *freestyle*, sem perder a essência da Cultura *Hip-Hop*. E que sim, há MULHERES atuantes na Cultura *Hip-Hop*! ELAS batalham, participam, organizam, ensinam, mas ainda existe uma percepção comum entre as ARTISTAS: precisamos de mais MULHERES como líderes nesta Cultura e Dança.

Palavras-chaves: MULHER; *Hip-Hop dance*; resistência e empoderamento; cultura *Hip-Hop*.

Abstract

LEMOS, Francine da Silva. **The WOMAN in *Hip-Hop Dance*: resistance and empowerment.** Advisor: **Ana Cristina Ribeiro Silva.** 2024. 113 f. Final work for the Dance Degree Course – Arts Center. Federal University of Pelotas. Pelotas. 2024.

This monograph aimed to reflect on the resistance and empowerment of WOMEN in Hip-Hop dance and how THEY are increasingly occupying certain spaces in this scenario. In the historical and gender context I dialogued with FEMINISM and African WOMANism from the authors **Katiuscia Ribeiro (2018), Aza Njeri (2018)** and contextualized Hip-Hop Culture and Hip-Hop dance through experience in the scene and with the goal of highlighting WOMEN AUTHORS and ARTISTS in their research and artistic work. Using A/R/Tography (DIAS; **IRWIN**, 2013) as a methodology, I recalled moments from my career, organized a questionnaire for other Hip-Hop dance ARTISTS, poeticized the writing to highlight the FEMALE lines, and created strategies to give visibility and protagonism to THEM. Understanding that “the Battle still continues”, therefore, I conclude that Hip-Hop dance is a contemporary dance style that uses polyrhythm and is polycentric, as a principle are the foundations of Bounce, Rock and Groove together with the social steps that allow expansion and creation of new variations and repertoires of the ARTISTS in their freestyle, without losing the essence of Hip-Hop Culture. And yes, there are WOMEN active in Hip-Hop Culture! THEY battle, participate, organize, teach, but there is still a common perception among ARTISTS: we need more WOMEN as leaders in this Culture and Dances.

Keywords: WOMAN; Hip-Hop dance; resistance and empowerment; Hip-Hop culture.

Lista de Figuras

Figura 1	Capa - MULHERES em movimento - Artista Carla Gisele Corrêa	0
Figura 2	Introdução - MULHER pensante - Artista Carla Gisele Corrêa	14
Figura 3	Mosaico de memórias da vida e da apresentação da monografia, local: sala Projeto LUA na AABB UFPel, 2024. Fotógrafa Milena Moreti	15
Figura 4	Capítulo - MULHER empoderamento e Protagonismo- Empoderamento - Artista Carla Gisele Corrêa	20
Figura 5	Mosaico de memórias da vida e da apresentação da monografia, local: sala Projeto LUA na AABB UFPel, 2024. Fotógrafa Milena Moreti	21
Figura 6	Eu e Minha Mãe	28
Figura 7	Eu e MADRINHA	30
Figura 8	EU	31
Figura 9	Negra Li	34
Figura 10	Dina Di	36
Figura 11	Grupo Piratas de rua FEMININO	39
Figura 12	Grupo Piratas de rua FEMININO	40
Figura 13	Professoras MULHERES na Cena	42
Figura 14	Roda de Conversa MULHERES na Cena	43
Figura 15	Folder Batalha	45
Figura 16	Organização, Participantes, Professoras e Juradas MULHERES na Cena	46
Figura 17	Capítulo - MULHER na Cultura Artista Carla Gisele Corrêa	47
Figura 18	Mosaico de memórias da vida e da apresentação da monografia, local: sala Projeto LUA na AABB UFPel, 2024. Fotógrafa Milena Moreti	48

Figura 19	Cindy Campbel	51
Figura 20	Inauguração Museu do <i>Hip-Hop</i> Porto Alegre	52
Figura 21	Símbolo de Resistência	55
Figura 22	Clipe “ <i>Remember The Time</i> ” Michael Jackson	57
Figura 23	Buddha Stretch	63
Figura 24	Martha e Niki	64
Figura 25	Lindsay	66
Figura 26	Capítulo. MULHER na Luta - Artista Carla Gisele Corrêa	68
Figura 27	Mosaico de memórias da vida e da apresentação da monografia, local: sala Projeto LUA na AABB UFPel, 2024. Fotógrafa Milena Moreti	69
Figura 28	Gráfico 1. Ciência na participação do questionário	70
Figura 29	Gráfico 2. Participantes que optaram por anonimato ou não	71
Figura 30	Gráfico 3. Autodeclaração das Participantes	72
Figura 31	Gráfico 4. Lugar de residências das participantes	73
Figura 32	Gráfico 5. Área de atuação das participantes no <i>Hip-Hop dance</i> .	73
Figura 33	Gráfico 6. Tempo de atuação no <i>Hip-Hop dance</i> .	74
Figura 34	Gráfico 7. Participação em outros eventos.	75
Figura 35	Gráfico 8. Encontro de <i>Hip Hop dance</i> em outro país.	75
Figura 36	Gráfico 9. Professoras MULHERES no início da sua trajetória.	76
Figura 37	Gráfico 10. Participantes que se inspiram em outras MULHERES	76
Figura 38	Gráfico 11. Participação de MULHERES em eventos criando, participando de batalhas e Festivais	77
Figura 39	Gráfico 12. Participação de eventos protagonizados por MULHERES	78
Figura 40	Gráfico 13. Participação de MULHERES em crew	79
Figura 41	1º Lugar Hip Hop Freestyle	82

Figura 42	Flyer Coletivo de MULHERES	84
Figura 43	Considerações Finais - MULHER empoderada Artista Carla Gisele	89
Figura 44	Mosaico de memórias da vida e da apresentação da monografia, local: sala Projeto LUA na AABB UFPel, 2024. Fotógrafa Milena Moreti	90

Sumário

1. Introdução e procedimentos da pesquisa.....	16
2. MULHER, empoderamento e protagonismo.....	22
2.1. Francine, MULHERES da vida.....	27
2.1.1 MULHERES na cena do Rap.....	32
2.2 Meu primeiro grupo “Pirata de Rua FEMININO”.....	38
2.3 MULHERES na Cena, um sonho realizado.....	41
3 MULHER e a Cultura Hip-Hop (Estados Unidos e Brasil).....	49
3.1 Resistência.....	54
3.2 Hip-Hop dance, afinal, que dança é essa?.....	58
4 MADREgestão Hip-Hoppers, dialogando com a cena.....	70
4.1 ELAS batalham.....	80
4.2 ELAS fazem, ELAS participam.....	84
4.3 ELAS ensinam.....	86
5 Uma batalha que ainda continua!.....	91
6 Referências.....	93
7 Apêndice.....	101





1. Introdução e procedimentos da pesquisa

GOD's Love (Hip-Hop) is like a banquet laid out before hungry people. Many people today are eating well but they are not the chefs of their own meals. They eat but they don't really know where their food comes from or even how it was prepared. They themselves were never truly hungry or homeless or even had to prepare their own food for themselves, they just sat down and started eating at an already laid-out table. Therefore, the life-lessons learned from being hungry and homeless which accompany the skills of the chef are absent from the copied presentations of the imitator, and any success found during this state of ignorance is indeed short-lived. This is how many today treat GOD and Hip-Hop. They seek the hand and not the face. They seek the luxury but not the culture, the food but not the appetite, the house but not the home, the medicine but not the health, the bed but not the rest. They would rather use GOD/Hip-Hop than live GOD/Hip-Hop. (KRSONE, 2009).

O Amor de Deus (Hip-Hop) é como um banquete preparado para pessoas famintas. Muitas pessoas hoje comem bem, mas não são os chefs de suas próprias refeições. Eles comem, mas não sabem realmente de onde vem a comida ou mesmo como foi preparada. Eles próprios nunca estiveram realmente com fome ou desabrigados ou mesmo tiveram que preparar sua própria comida para si mesmos, apenas se sentaram e começaram a comer em uma mesa já preparada. Portanto, as lições de vida aprendidas por estar com fome e sem-teto que acompanham as habilidades do chef estão ausentes das apresentações copiadas do imitador, e qualquer sucesso encontrado durante esse estado de ignorância é de fato, de curta duração. É assim que muitos hoje tratam DEUS e o Hip-Hop. Eles procuram a mão e não o rosto. Buscam o luxo, mas não a cultura, a comida, mas não o apetite, a casa, mas não o lar, o remédio, mas não a saúde, a cama, mas não o descanso. Eles preferem usar Deus/Hip-Hop do que viver Deus/Hip-Hop. (KRSONE, 2009)
Tradução Nossa

Nesta reflexão entre a vida e arte, fui criando diálogos acerca do sujeito que é a MULHER através de estudos e leituras, pesquisando para este trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Dança o tema em questão: “A MULHER no Hip-Hop Dance: Resistência e Empoderamento”, conectando as MULHERES à cultura *Hip-Hop* à importância que ELAS possuem, pois se tornam inspiração para outras MULHERES, tanto de vida como na arte.

Particularmente, falar sobre MULHER no *Hip-Hop dance* era algo complexo e assustador, pois não tinha conhecimento de referências específicas, entretanto a partir das leituras para esta obra, a pesquisa e a escrita foram se direcionando, conversando com autoras e autores que me abraçaram, abrindo um novo olhar para a minha própria arte. Importante destacar que priorizei a utilização de autoras MULHERES no processo de escrita. Nesses atravessamentos e descobertas, meu

objetivo, além de todo o desenvolvimento do trabalho, sempre foi construir uma escrita significativa na minha trajetória, pois não é só o fato de escrever e pesquisar para finalizar mais um rito de passagem, mais sim honrar a ancestralidade e o pertencimento que sinto ao ser uma artista da cultura *Hip-Hop* e da dança *Hip-Hop dance* e, nesse empoderamento de palavras e atitudes, potencializar minha bagagem intelectual como artista-pesquisadora-intérprete-criadora.

Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizei a *A/r/tografia* :

A/R/TOGRAFIA: Concentra seus esforços em melhorar a prática, compreender a prática de uma perspectiva diferente, e/ou usar suas práticas para influenciar as experiências dos outros. (DIAS; IRWIN, 2013). Além de usar modelos de coleta e interpretação de dados das ciências sociais, permite aplicar suas próprias formas de investigação artística e educacional. (DIAS; IRWIN, 2013). Utilizando a pesquisa qualitativa, onde o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Inspirada pela metodologia, as fotos do arquivo pessoal estão apresentadas como um porta retrato de fotografias e duplicadas em tamanho ampliado para pulsar com as emoções que ELAS me revelam, pois também são textos das minhas memórias e desbravam minha escrita como sujeito que pesquisa. Já as capas dos capítulos são obra da artista **Carla Gisele**, minha amiga desde o tempo do ensino fundamental, ela sempre gostou de desenhos e eu de dançar, ela se tornará grafiteira ao finalizar a licenciatura em Artes Visuais, enquanto eu me tornarei uma *hip-hoppers* artista da dança finalizando, com essa presente obra, a licenciatura em Dança. A escolha das obras da artista se deu em uma reunião inicial na casa de **Carla Gisele** e, em um segundo momento, com grupo do projeto LUA (Laboratório Ubuntu Afeto/Arte/Afrodiaspóricas/Américas) na universidade, onde relatava os conteúdos dos capítulos aos colegas, à **Carla**, à **orientadora**, e todas me auxiliaram na organização e escolhas.

Além disso, também como parte da investigação e por ser MULHER atuante nessa cena em busca de outras MULHERES pesquisadoras, artistas e produtoras, visando destacar suas falas, utilizo a cor vermelha para ELAS dançarem comigo no texto, e portanto, dar visibilidade às MULHERES, para que não seja necessário ir até as referências bibliográficas para confirmar se é uma citação FEMININA ou masculina. Ademais, a escolha do vermelho se justifica por ser uma cor quente e

que simboliza a paixão e a energia. Segundo (HELLER, 2017. Pág. 124) Vermelho é político, é a cor da liberdade. O vermelho é a cor mais frequente nas bandeiras. Flâmulas vermelhas são mais vistosas e tem uma simbologia de calor, energia, paixão e desejo. (HELLER, 2017 pág. 107)

Outro destaque será com as palavras escritas com letras MAIÚSCULAS, para dar um destaque, vida, movimento e emoção ao texto, com texturas variadas, como na sua composição artística em uma obra coreográfica e de improvisação.

Também no decorrer da escrita, inspirada pela *A/r*/tografia, utilizo músicas de MULHERES do *RAP* que têm uma grande influência nas minhas criações coreográficas e na minha vida através de suas letras e da forma como colocam suas falas e pautas, falando de MULHERES, vida, família e realidades vividas.

Esse trabalho foi muito provocante de realizar, pois, no mundo atual, cada vez mais surgem escritas e reflexões falando sobre MULHERES, e quando resolvi pensar na MULHER no *Hip-Hop dance*, pensei em trazer outros diálogos acerca do tema geral o que me fez abrir os horizontes e perceber a necessidade de alimentar ainda mais a escrita, juntamente com experiência e vivências minhas. Dessa maneira, dialogo com as autoras Katiuscia Ribeiro (2018), Aza Njeri (2018), Djamila Ribeiro (2017), Branca Moreira Alves (1985), Jacqueline Pitanguy (1985) que pesquisam acerca do MULHERismo Africana e Feminismo, contudo, não me aprofundo nesta temática devido ao curto tempo de escrita da monografia, mas são conceitos que continuarão caminhando e dançando comigo em novas produções e pesquisas.

Assim, apresento a pesquisa organizada da seguinte maneira: o primeiro capítulo “MULHER, empoderamento e protagonismo” rememora as MULHERES da minha vida, MULHERES na cena Rap, meu primeiro grupo “Piratas de rua FEMININO” e o evento que idealizei “MULHERES na cena”.

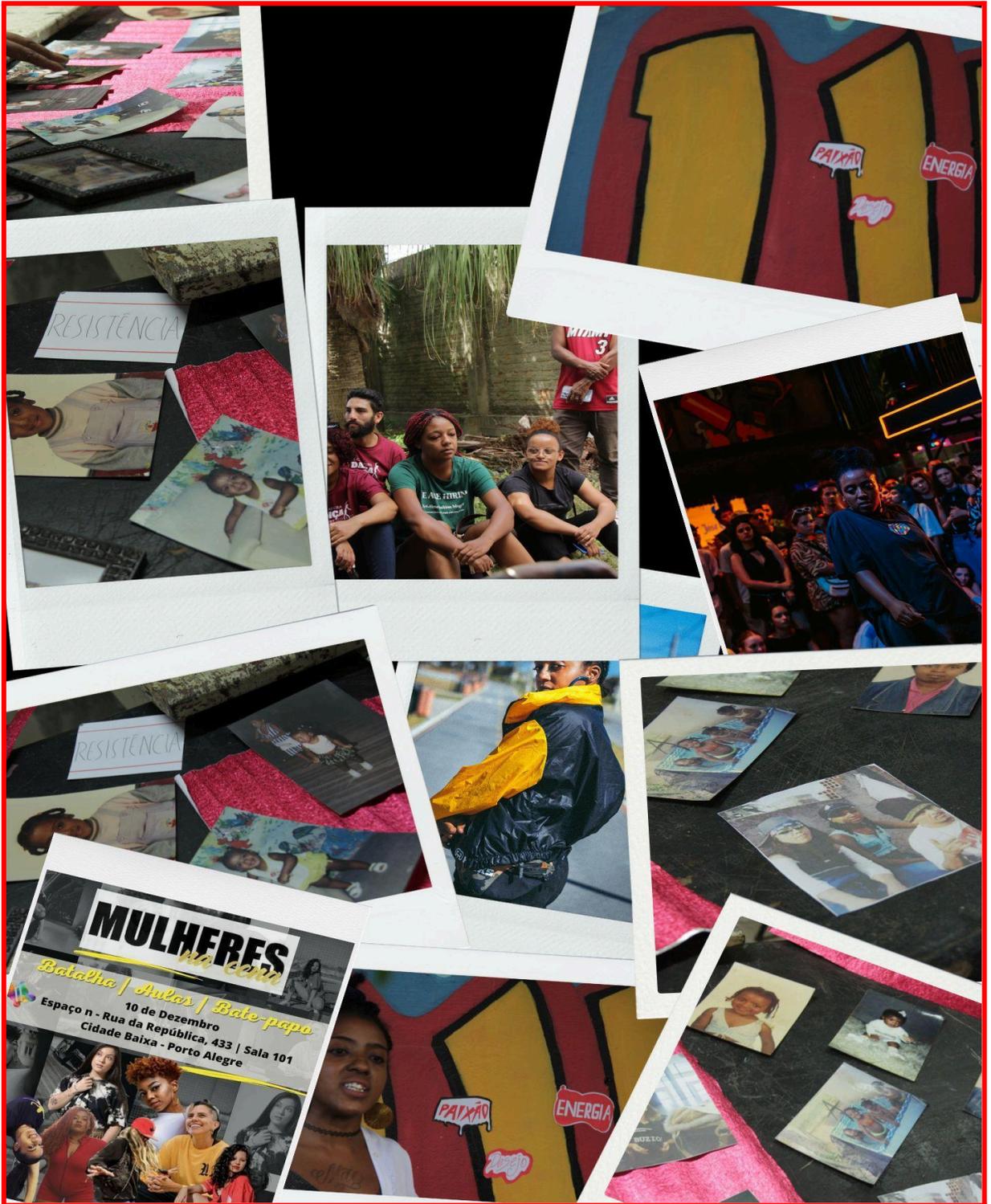
No segundo capítulo trago “A MULHER e a Cultura *Hip-Hop* (Estados Unidos e Brasil)”, contextualizo a Cultura *Hip-Hop* e o *Hip-Hop dance* a partir das MULHERES que foram invisibilizadas nas várias histórias que são possíveis contar.

No terceiro capítulo “Madregestão *Hip-Hoppers*, dialogando com a cena” trago resultados do questionário, reflito sobre minha percepção a partir da participação em batalhas, eventos que ELAS batalham, ELAS fazem, ELAS participam e ELAS ensinam, dialogando com as entrevistadas que responderam um questionário

(apêndice 1) amplo com várias perguntas, com o objetivo de conhecer e investigar as MULHERES atuantes na cena *Hip-Hop dance* e a importância de eventos realizados por MULHERES, descobrindo onde ELAS atuam e quanto tempo fazem parte da cultura. Todos os capítulos se entrelaçam com a minha vida, mergulhada na cultura *Hip-Hop* e na dança *Hip-Hop dance*, sinto a necessidade de falar como MULHER, a necessidade de trazer outras vozes FEMININAS nesse espaço acadêmico, pois, como mencionado anteriormente, não tinha conhecimento de outras pesquisas deste gênero, assim como muitas histórias me inspiraram, humildemente desejo de alguma forma me conectar com leitores e, quem sabe, também inspirar e empoderar MULHERES nesse mundo a fora. E este desabafo reforça o que encontrei estudando: o quanto as MULHERES foram resistentes no decorrer do processo de construção desta cultura, lutando e ocupando os espaços no *Hip-Hop*.

Assim, concluo a escrita com o Capítulo de “Uma batalha que ainda continua...” que encerra com os motivos pelo qual decidi realizar a pesquisa e a relevância dela para o mundo e para os participantes dessa cultura, lembrando da importância da MULHER no cenário do *Hip-Hop dance*





2. MULHER, empoderamento e protagonismo

Neste capítulo, reflito sobre empoderamento e protagonismo por meio de obras de autoras que pesquisam os progressos alcançados e os desafios que ainda se fazem necessários de enfrentar para alcançar equidade de gênero. Em paralelo, apresento MULHERES que fazem parte da minha trajetória artística e de vida.

No artigo das autoras **Geisi Graziane Goularte Antonello e Maria Tereza Andreola (2009)**, afirma-se que a MULHER vem ocupando diversos espaços na sociedade, na educação, na economia, na política e onde mais ela quiser, sentindo-se apta a desenvolver seu potencial, encontrando incentivos nos mais diversos formatos, para que as MULHERES sejam encorajadas a buscar diferentes atuações profissionais, sendo assim mais protagonistas, no sentido de consciência de seus direitos, tendo maior participação em tomar decisões que sejam importantes para o futuro da sociedade.

A barreira existente entre o potencial da MULHER e sua colocação social vem sendo trabalhada, mas ainda existe muito a ser explorado. Os incentivos e encorajamentos vêm para sensibilizar as MULHERES de seu próprio potencial e poder, ou seja, ter consciência e atuar no poder que se tem e se é. Empoderar MULHERES, através de sua identidade, traz benefícios em todas as esferas da vida (individual, econômica, social e política); (ANTONELLO, ANDREOLA, 2019. p.2-3).

Nesta perspectiva, um livro basilar no meu processo de reflexão e escrita foi **MULHERES, Raças e Classes de Ângela Davis (1981) com tradução de Heci Regina Candiani (2016)** com destaque a um dos capítulos sobre a liberdade ser uma luta constante, ratificando essa convicção e, ao mesmo tempo, defendendo a necessidade da abolição das tarefas domésticas, enquanto responsabilidade privada e individual das MULHERES. **Davis (1981)** sempre defendeu o direito das MULHERES e a possibilidade de elas fazerem parte do mundo com persistência e insistência na igualdade sexual. As MULHERES estão cada vez mais ocupando lugares de liderança e entendendo a sua importância e existência com a consequência desse ato a luta pela equidade de gênero. Assim o empoderamento, **segundo (MALLET, 2019) quando falamos de empoderamento FEMININO, não estamos falando somente de dar espaço para as MULHERES na sociedade, mas também falamos de como é importante encorajá-las desde MENINAS a serem o que**

quiserem, a ter autoestima em diversos aspectos de suas vidas e a repassar esse suporte à outras MULHERES que possam precisar.

Já o protagonismo FEMININO para Chiaradia (2023) é importante para que as MULHERES escreveram suas próprias histórias, sejam reconhecidas e valorizadas pela sua jornada e inspirem outras MULHERES.

Adichie relata que, em suas experiências no primário:

“No ano letivo, a professora anunciou que iria dar uma prova e, quem tirasse nota mais alta, seria o MONITOR de classe. Ser monitor era algo muito importante, Ele podia anotar, diariamente, o nome dos seus colegas baderneiros, que por si só já era um poder enorme; além disso ele podia circular pela sala empunhando uma vara, patrulhando a turma do fundo... Eu queria muito ser monitora da minha classe. E tirei a nota mais alta, mas para minha surpresa, a professora disse que o monitor seria um menino, ela tinha esquecido de esclarecer esse ponto, achou que fosse óbvio. Um garoto tirou a nota mais alta, ele seria o monitor”. (ADICHIE ,2014. p 18).

(Adichie 2014) se vemos uma ação acontecer com frequência, ela se torna normal, as atitudes tomadas, mesmo que inconsciente, já nos mostram o quanto a sociedade vem reproduzindo naturalmente uma forma de não valorização da MULHER e deixando de observar o quanto ela pode e deve ocupar diversos espaços na sociedade. É importante pensar nessa invisibilidade quando passamos por alguma situação em que nossos trabalhos ou ações não são enaltecidos, temos sempre que ser a melhor para assim ganhar um bom reconhecimento perante homens que nos rodeiam.

O problema da desvalorização universal das MULHERES. Portanto, a análise não depende de dados culturais específicos, na verdade, de uma análise da “cultura” tomada, genericamente, como um tipo especial de processo no mundo. (ROSALDO, LAMPHERE, 1979)

Neste momento, inicio a utilização de algumas palavras em fonte MAIÚSCULA para gritar no texto em uma espécie de coreografia ou *freestyle*¹ que remete a um desejo particular de dar visibilidade a pautas que sinto apagadas dos discursos normalizados. E inicio o meu primeiro grito com a citação da autora Adichie (2014), que particularmente considero um protesto muito forte e, além de letras maiúsculas, aumento o tamanho da fonte para escancarar essa denúncia.

¹ Forma de improvisação, dança singular de cada artista

**EXISTEM MAIS MULHERES DO QUE
HOMENS NO MUNDO, MAS OS
CARGOS DE PODER E PRESTÍGIO,
MAIORIA DAS VEZES, SÃO
OCUPADOS PELOS HOMENS. (ADICHIE
,2014)**

Muitas MULHERES ainda são tratadas com invisibilidade e é perceptível o modo em que as MULHERES ainda também são tratadas como dependentes. Em muitos ambientes, é preciso que a MULHER esteja acompanhada para que seja devidamente respeitada. A questão de gênero estabelecida hoje em dia causa um desconforto e é necessário entender que as MULHERES estão se tornando cada vez mais independentes e chefes de suas vidas, e essa evolução está acontecendo pouco a pouco, assim como um andar de uma tartaruga surtindo efeitos na nossa sociedade.

Olhando para trás, em 1970, ainda era anormal mulheres ocupando espaços, pois as únicas MULHERES que eram vistas eram as esposas, ou seja, seus maridos que ocupavam os espaços e, as que tentavam ser autônomas nas suas vidas, eram vistas com maus olhos. Os anos se passaram e as MULHERES estão se empoderando e investindo mais em si, se entendendo e tirando as amarras que a sociedade coloca.

Também não é o ideal que os meninos, antes de se tornarem homens, recebam uma educação totalmente racional, fazendo com que eles não demonstrem seus sentimentos, muito menos vulnerabilidade, então quando crescem já reproduzem atitudes sem demonstração de afeto, mas sim com ações que demonstram força e superioridade. Não acredito que a masculinidade se justifique dessa maneira, mas é assim que a sociedade impõe, já as MENINAS são educadas como sexo frágil. **Afirma Adichie (2014), no entanto, se começarmos a criar nossos filhos de outra maneira, daqui a cinquenta, cem anos, eles não serão pressionados a provar sua masculinidade por meios de bens materiais. (Adichie, 2014 p.39).**

Hoje em dia as MULHERES estão se posicionando mais e expondo seus pensamentos e suas vontades, acredito que isso vem transformando a sociedade que nos cerca. De acordo com (Mallet 2019) o empoderamento FEMININO acontece quando há a conscientização das MULHERES de reivindicarem seus direitos, garantindo que possam estar cientes da luta pela total igualdade entre os gêneros em diversos cenários sociais. E para fortalecer ainda mais esse diálogo, trago os conceitos sobre feminismo e o MULHERismo Africana em um espaço de diálogo sobre gênero.

O feminismo é uma luta eurocentrada pela igualdade entre os sexos em busca de repensar sobre relações e autoritarismo por parte dos homens, trazendo à tona a valorização da MULHER, fazendo com que essas diferenças não sejam vistas em situação de poder. Para (Alves, Pitanguy, 1985, p.7) é difícil estabelecer essa definição, pois o feminismo ressurgiu de um momento histórico em que outros movimentos de libertação denunciavam a existência de formas de opressão.

O feminismo rompe com os modelos políticos tradicionais que atribuem uma neutralidade ao espaço individual e que definem como política unicamente a esfera pública "objetiva". O feminismo procurou em sua prática, enquanto movimento, superar as formas de organizações tradicionais permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo. (Alves, Pitanguy, 1985 p.8).

Segundo Ribeiro (2018) MULHERismo africana é a luta pelo povo preto, MULHERES pretas, pois é uma cultura matriarcal onde as MULHERES são madregestoras, não só de vidas, mas de pessoas, dando ainda mais potência para outras MULHERES que fazem parte de suas comunidades. Para dialogar comigo, trago duas autoras que falam sobre o MULHERismo, Katiúscia Ribeiro e Aza Njeri. Ambas participaram da entrevista no Programa Ciências e Letras², transmitida pelo Youtube, aprofundando em suas falas o MULHERismo Africana, me fazendo entender amplamente o conceito.

Em sua participação no programa, Katiúscia Ribeiro explica: o que é África Madregestora? O que é um processo de madregestão? Da seguinte maneira: o Ocidente define as MULHERES como aquelas que estão para gerir e procriar. No continente africano, estamos pensando nessas MULHERES como Madregestoras,

² Mulherismo Africana < https://www.youtube.com/watch?v=wFKi_GrZXak >

MULHERES que gestam a potência do seu povo e que não necessariamente precisa gerir vidas, mas potencializa gestão de vidas.

No decorrer do meu processo de vida, esses conceitos estão caminhando junto com a minha pesquisa teórica e prática. Através do movimento e da música, muitas cantoras me levam a criar e a gerar, através da minha arte, a minha história. O grupo Antônia me inspirou e me inspira até hoje, criando em mim uma força de potência.

Essa música eu ouvi, pela primeira vez, na série brasileira Antônia (2006, 2007) com 4 cantoras negras, naquele tempo eu era bem pequena, então não tinha muita noção, mas a letra sempre me cativou e me fez sentir forte e potente. Agora adulta, percebo ainda mais a importância de cada palavra e expressão que essa música tem e o quanto ela nos mostra que somos fortes. Trecho da música

“Antônia”:

“...Ei, MULHER! O grito, a força!
 União, perseverança!
 Lutar! Crescer! Saber! Viver!
 Fé, compaixão, amor no coração!
 Pronta pra jogar estou
 Vou avante! Sou Lena!
 Sou forte e vou rumo ao gol
 Jamais parar, insisto
 Não desisto e corro o risco
 Não me esquivo não...
 ...Orgulho é batalhar pra viver
 Cantar é minha arma pra vencer
 Nada pode parar!
 Ninguém vai me calar!
 Nada pode parar!
 Ninguém vai me calar.
 (ANTONIAS, COMPOSIÇÃO: NEGRA LI - LEILAH MORENO - CINDY, 2006)

A música “Antônia”, trazida pelas cantoras Cindy mendes, Negra Li, Leilah Moreno e Quelynah, nos mostra a força e a potência da MULHER para alcançar seus objetivos, mostrando que somos todas capazes de conquistar nosso espaço com valentia, sendo protagonistas da nossa história.

“Oh, oh
 Antônia brilha
 Antônia sou eu
 Antônia é você
 Oh, oh
 Antônia brilha

E qualquer uma Antônia pode ser". (ANTONIAS, COMPOSIÇÃO: NEGRA LI - LEILAH MORENO - CINDY, 2006)

2.1. Francine, MULHERES da vida

Muitas MULHERES estão marcadas em minha pele e se apresentam em minha arte, confirmando a relevância destas figuras FEMININAS, me fazendo ser a pessoa que sou hoje e, como em muitas outras histórias já escritas, cantadas e dançadas, um dos exemplos mais fortes que tenho comigo é a minha mãe, Dona Fátima, um espelho de MULHER forte que também tem suas fraquezas. mas que sempre amou e cuidou da minha educação emocional, afetiva e psicológica. Lembro-me que às vezes ela se atrasou e eu ficava à sua espera no portão da Escola de Ensino Fundamental La Salle Hipólito Leite, situada em Pelotas, toda feliz, quando a avistava chegando, eu me alegrava. Eu fui uma criança muito amada e tive a assistência total da minha família, como filha única, sempre tive as regalias. Minha mãe é meu maior exemplo de vida.

Hoje em dia, quando estou em viagem e falo com ela pelo WhatsApp, ela fala "Acredita minha Filha! Luta! Vai em busca do que tu acreditas sem diminuir ninguém, te dedica. Deus está vendo!", obviamente eu guardo essas palavras no meu coração, afinal é a minha mãe que está falando e ela sempre acreditou e apostou em mim, então isso me fortaleceu muito nesse caminho. De acordo com a equipe do Eu Sem Fronteiras (2023) afirmam que: "A ocitocina é liberada quando criamos memórias especiais com aquelas pessoas próximas a nós".

As experiências vividas na infância, especialmente aquelas relacionadas à figura materna, moldam a forma como as MULHERES se veem e se relacionam com o mundo. Uma mãe presente e amorosa é capaz de transmitir segurança e estabilidade emocional à filha, o que contribui para o desenvolvimento de uma autoimagem positiva e de uma personalidade forte. (LEITE, 2023)

Minha mãe é a MULHER da minha vida!

Figura 6. Eu e minha mãe. #paratodasverem: ela de top azul forte e short-saia jeans e eu, quando criança, de vestido azul claro.



Fonte: Arquivo Pessoal

A forma como fui criada influencia de maneira positiva no modo que sou hoje, os valores e as coisas que acredito e a forma como me coloco no mundo é como eu me espelho em minha mãe, na forma como ela leva a vida independente, trabalha, cuida da casa, viaja, tem o dinheiro dela e tem sua casa própria.

Conheci **Alexandra Pereira**, mais conhecida como **“Xanda Capoeira”**, apelido adotado pelo fato de ela, em algum momento da sua vida, ter tido contato com a capoeira, em 2016 em Pelotas, através de uma amiga. Ela foi de muita importância e representatividade, pois ela estava sempre envolvida com projetos do movimento Hip-Hop em Pelotas. Anos se passaram e eu fiquei sabendo que ela era Coordenadora da Associação do Hip-Hop³, que lidava com os 4 elementos e que já tinha uma bagagem gigante na cena. Ela me acolheu, e eu sempre com muita vontade e olhos brilhando, querendo muito uma oportunidade de fazer parte do movimento, com uma MULHER de garra me mostrando os caminhos, mesmo que não tenha sido fácil, ela estar junto comigo fez com que eu permanecesse e continuasse. Ela sempre me levava para todos os lados, então tive muitas oportunidades por conta dela. Até hoje a chamo de Madrinha, madrinha do coração. Olhando para trás, nesse processo todo, percebo o quanto as coisas valeram a pena e não terminam por aqui, pois cada dia é um dia e a minha história continua sendo escrita por mim, sempre com apoio e sorrisos da madrinha.

Observando a madrinha no *Hip-Hop*, com sua personalidade forte e sempre tendo voz nos locais em que estava, sempre junto de homens resistentes, porém respeitosos, me vejo neste local, tratando-se de MULHERES no *Hip-Hop dance*, percebendo e fazendo parte dessa construção do protagonismo da MULHER na cena atual, junto com outras MULHERES. [OBJ]

Além das MULHERES que fazem parte da minha vida diariamente e estão presentes no meu cotidiano artístico e de vida, existem MULHERES que são referência de protagonismo e resistência na cultura *hip-hop* e que estão imersas neste mundo do *RAP* há muito tempo, trazendo em suas letras muita força e identidade, ELAS fizeram e continuam fazendo parte da minha vida e das minhas criações, através das suas canções. Essas MULHERES, por mais difícil que tenha

³ Associação, em um sentido amplo, é qualquer iniciativa formal ou informal que reúne pessoas físicas ou outras sociedades jurídicas com objetivos comuns, visando superar dificuldades e gerar benefícios para os seus associados. <http://www.asaesc.org/o-que-e-uma-associacao>

sido a trajetória de vida e artística delas, sempre tiveram que mostrar o quanto eram boas no que faziam, já sabendo que esse meio é composto grande parte por homens e, então, para se destacar, tinham que ser melhor e mostrar que sim, existe MULHER no *Hip-Hop*.

Há algumas falas que são necessárias que sejam faladas de MULHER para MULHER, pois essa representatividade que as MULHERES no *hip-hop* têm, serve para fortalecer esses momentos de fragilidade. Os homens podem até trazer em suas falas questões sobre a importância da MULHER, mas é necessário pensar de um outro ponto de vista, tendo a mulher o lugar de fala.

Figura 7.. Eu e a Madrinha #paratodasverem No Bairro Dunas - MULHER Branca de preto e branco e, ao lado, pesquisadora Negra de preto, brincos grandes. Atrás dela há uma bicicleta preta e a parede vermelha e verde.



Fonte: Arquivo Pessoal

Xanda não faz parte de nenhum dos elementos, mas ela representa o quinto elemento, que é o conhecimento e, sem ele, é impossível o desenvolvimento dos outros, fazendo assim com que se torne necessário criar ainda mais respeito e entendimento dos participantes do movimento. Na cidade de Pelotas, a Associação do Hip-Hop é composta por MULHERES que fazem parte de algum elemento dentro do movimento e a coordenação é da **Xanda**, que trabalha com o quinto elemento. Ela é uma referência na cidade por ser MULHER e estar à frente de uma associação juntamente com o DJ Vagner Borges.

Figura 8 - Eu Parque UNA #paratodasverem Eu, MULHER Negra, de costas olhando para câmera, com calça preta, jaqueta preta com mangas e pescoço amarelo, Céu Azul.



Fonte: Arquivo Pessoal

2.1.1 MULHERES na cena do Rap

As MULHERES que fazem parte do RAP têm uma grande importância para a cena e para minha vida artística, embora ainda exista grande predominância dos homens neste espaço, é impossível deixar de falar de algumas MULHERES pioneiras que fazem parte das minhas memórias musicais. Nessa cena, incluindo Brasil e Estados Unidos, algumas delas são: Missy Elliot, Mary J Blige, Queen Latifah, Lauren Hill e Negra Li, Drika Barbosa, Flora Matos, Dina Di, Negra Jack, Laddy Dee, Cris CNJ e Sharyline.

Artistas como Racionais MC's, Mv Bill e Sabotage servem como inspiração para muitos jovens, além de abordarem em suas canções a realidade velada da vida na periferia, violência policial e o racismo enraizado na sociedade brasileira, servindo, sobretudo, como um ato de resistência. Porém, desde a sua ascensão no Brasil, a cena do RAP é dominada por homens, o que dificulta a visibilidade das MULHERES na cena, somado ao machismo e à misoginia que dominam o cenário social brasileiro. (COURA, 2021)

Cada uma delas traz em suas letras muita força, representatividade e vivências na cultura *Hip-Hop*, abordando seu cotidiano e todo machismo sofrido por algumas, sendo peças essenciais para a ocupação de mais MULHERES na cena da música RAP. Apesar de, particularmente, não ouvir suas músicas, Dina Di foi uma das rappers mais influentes na vida e eu senti a necessidade de falar sobre sua importância no RAP para essa escrita. Negra Li em uma entrevista ao jornal de Brasília (2023) afirma que “Sempre sentiu necessidade de dar mais visibilidade para as MULHERES no Hip-Hop. Há discursos que ELAS [público FEMININO] precisam ouvir e que só uma MULHER pode falar. Só uma MULHER conhece a dor da outra.”

A música RAP sempre costuma levar uma mensagem para os ouvintes e é muito inspirador ler as canções escrita por MULHERES, cada uma traz o seu modo de ver o mundo e de ocupar os espaços na sociedade, a letra e o *Beat* (Batida), mostram como politicamente e socialmente aquela MULHER está ou quer estar e a forma como nos identificamos com as letras. Conforme abaixo no trecho da Música Era uma vez Liliane:

Nunca foi fácil ser MULHER de aço, mas tive que ser
 Hoje posso ser tudo o que eu quiser
 É sobre viver
 É sobre viver
 É sobre viver
 Sobre viver. (Negra Li, 2022)

Essa música da **Negra Li** “Era uma vez Liliane” me inspira muito na vida e logo isso se reverbera na minha dança, dando força nas minhas criações de aulas e performances. Acredito que cada música tem uma força e quando escuto música de MULHERES potentes, logo isso me encoraja ainda mais a ser o que quiser, como se meu corpo reconhecesse minha potência, querendo assim mostrar o quanto essa representatividade e protagonismo são importantes. Portanto, apresentarei duas cantoras Brasileiras **Dina D e Negra Li**.

Negra Li, nome artístico de Liliane de Carvalho, nasceu em São Paulo, 17 de setembro de 1979. Ela é uma cantora de rap, moradora da Vila Brasilândia, que começou sua carreira com o grupo RZO. Ela possui referências mais melódicas que a inspiram que são das cantoras norte americanas, **Lauryn Hill, Erykah Badu, Jill Scott**, além de passar a estudar outros estilos musicais como blues, jazz, MPB e bossa-nova. (SANTIAGO, 2018) A Cantora, no seu álbum Raízes (2018), traz um single de lançamento chamado “Malandro Chora” onde ela fala que:

Eu resolvi soltar esse trabalho primeiro por causa do verão, da batida. E mesmo a música falando de amor, na letra também está 'a preta te físgou', já é uma afirmação, uma forma de empoderamento. Então, tudo o que eu faço é relevante e vejo isso com o meu público, eles estão sempre falando que eu sou inspiração". (SANTIAGO, 2018)

Negra Li, através de suas letras, fala sobre sua vida e trajetória, além de ter todo o protagonismo e representatividade por ser uma MULHER negra atuante na cena do *RAP*. Me inspira muito suas letras e a forma como ela transmite sua verdade, sempre com muita essência, fazendo assim com que eu sinta a importância de não esquecer da minha essência, tanto como MULHER quanto como artista. No seu álbum raízes, com o single “Raízes” com participação do cantor Rael, fala sobre orgulho negro e dá visibilidade a outras vozes.

Figura 9.. **Negra Li** #paratodasverem MULHER de pele negra, de cabelos soltos, brincos grandes, blusa preta com detalhes pretos e azuis. Atrás dela há um fundo azul.



Fonte: <https://www.negrali.com.br/>

Trecho da música “Raízes”:

“Eu venci o preconceito e fiz de um jeito
Que vários se inspiram em mim
Com muita resistência, virei referência
Para outros que vem de onde eu vim
Da Brasilândia pro Brasil inteiro

Hoje sirvo de modelo
É preciso respeitar". (NEGRA LI, 2018)

A música “Comando” de **Negra Li** também é uma fala política e empoderada sobre a MULHER na sociedade e sobre a responsabilidade que as MULHERES têm sobre sua vida. O RAP é a ferramenta de expressão, é compromisso. No momento que ouvi essa música, me senti como se tivesse ingerido um ar de energia positiva na minha veia, me tornando a MULHER maravilha da minha vida.

Presta atenção
Agora é sua vez de me ouvir
Se não aguenta ouvir, pode sair
Aqui é Negra Li
A que comanda, apoiada por mais de 50 mil manas
Essa é minha fama, nega drama
Quatro décadas são pétalas
Me fez florir
Minha história, eu mesma que escrevi
Glórias, vitórias ainda estão por vir
Você vai sentir
Chego queimando, incendiando
No meu comando sou eu quem mando
Chego chegando, incendiando
No meu comando sou eu quem mando (NEGRA LI, 2021)

Sinto que **Negra Li** escreve as suas músicas a partir do momento de vida em que está, então, possivelmente, cada uma de suas letras vem com uma mensagem diferente, mas com força e representatividade por ser MULHER e ser uma MULHER negra. Ela também conquistou alguns prêmios⁴ importantes para a sua trajetória. Para mim, **Negra Li** é especial e isso me inspira muito pela sua história e por ser uma MULHER que sempre acreditou em si e seguiu na sua essência se tornando uma referência para mim e, sem dúvidas, para muitas MULHERES.

Viviane Mathias, mais conhecida como **Dina Di**, nasceu em Campinas, 19 de fevereiro de 1976. Foi uma das primeiras MULHERES a conquistar o conhecimento do *RAP*. Foi indicada e conquistou prêmios⁵ em vida. No ano de 2010, faleceu aos 34 anos ao contrair uma infecção hospitalar ao dar à luz a sua segunda filha, no estado de São Paulo. Ela foi um marco inicial das MULHERES de *RAP* e em suas letras expressivas, **Dina Di** trazia problemas sociais e vivências.

⁴ Biografia Negra Li <https://www.negrali.com.br/>

⁵ Vida trajetória de Dina Di <https://breakingworld.com.br/2021/03/26/dina-di/>

Figura 10 . **Dina Di**. #paratodasverem. MULHER Branca toda de preto, óculos pretos, mão apontando para frente, no meio de um lixão.



Fonte: <https://novidad.es/dina-di-a-rainha-do-rap-no-google/>

Conheci **Dina Di** por ouvir cantoras, cantores do cenário do *RAP* e pessoas do meu convívio, que exaltavam esta artista. Percebi, então, a importância de falar dessa estrela e pesquisando mais em suas músicas, analisei que ela costumava levar a sua realidade de MULHER para a sua escrita.

Nesta música “Amor e Ódio”, **Dina Di** fala sobre ser uma MULHER cheia de traumas, mas que é guerreira e solitária, essa letra aborda a narrativa de vida de várias MULHERES e, nesse percurso da vida, ela teve vários recomeços, mas por ser forte e corajosa, não desistiu de querer o melhor para si. Muitas MULHERES no Brasil afóra possuem uma realidade igual a essa da letra que **Dina Di** escreveu. Acredito que no momento em que ela cria uma letra como essa, é como se estivesse falando para as MULHERES que somos todas iguais e que isso é um momento da vida, não é para sempre, é um ato de se reconhecer umas nas outras.

“Uma mina normal, com qualidades e defeito
 Uma perda fatal é que me fez ser desse jeito
 Aí, uma só, uma tatuagem no braço
 E tem que ter base e pó pro meu olhar de cansaço
 Eu não queria ter pra escrever pra dentro de mim
 Tenho sequelas sim, traumas de um passado ruim
 Guerreira, solitária, autoritária por nascença
 Cada volta é um recomeço, um arremesso à recompensa
 Um dia vem, faça o bem sem olhar a quem e verá
 Quem mais tem Deus pra te dar, que o diabo pra tirar
 Pra, quem duvidou, é, me criticou e seja quem for
 Que desacreditou da mina que eu sou, se enganou
 Bem, aqui estou, é, nos palcos outra vez (DINA DI, 2016)

A Rainha do *RAP* **Dina Di** usava o rap para expressar todos os seus pensamentos e vivências de uma MULHER que morava na periferia, com o objetivo de colocar as MULHERES na centralidade da sua vida, com a capacidade de agir ao ponto de conscientizar as MULHERES de que elas são donas de si e potentes. Na música “Mente Engatilhada”, **Dina Di** mostra em sua letra uma MULHER forte e que está pronta para lutar pelos seus objetivos e pelo que acredita, sempre colocando a MULHER como uma pessoa independente, dona das suas escolhas, mostrando todo seu valor e a sua importância.

Eu sou mais uma MULHER sobrevivente,
 Aí o meu valor não tá na cor, tá na mente
 Rivalidade impede o desenvolvimento
 do próprio raciocínio e atrapalha seu pensamento
 Eu vim pra resolver, apontar uma solução
 A mente engatilhada e o microfone na mão
 Munição vai ter sobre se as minas resolver se juntar
 partir pra cima, muito mano vai se desesperar. (DINA DI, 2001)

Dina Di que em 1994 fundou o grupo Visão de Rua, que posteriormente lançou a sua primeira canção de trabalho chamada “Confidências de uma Presidiária”, que relata algumas coisas sobre o sistema carcerário FEMININO. Em 2004, Dina Di lançou “Noiva de Thock”, onde fala sobre diversos assuntos bem abertamente. Na faixa “Hora de avançar”, ela exalta a força da MULHER independente e que as MULHERES unidas são mais fortes. Em “Corpo em Evidência” é um papo reto sobre pornografia e sobre como a mídia usa o padrão de MULHER perfeita. No mesmo álbum, ela relata sobre como é ser a companheira de um presidiário, sobre espera e solidão, e é como se ela tivesse feito um relato do outro lado da história de “Diário de um Detento” do Racionais, o grupo no qual ela era fã. Dina Di também fala, em algumas entrevistas, como ela ficava cansada em ter que passar essa imagem masculina pra ter respeito, ter que seguir um tipo vestimenta e postura, pois ela percebeu que dessa forma a olhavam de forma mais diferente e a levavam a sério,

coisa que não aconteceria se ela tivesse uma postura mais doce e usasse vestidos. (SOBREIRA, 2017)

2.2 Meu primeiro grupo “Pirata de Rua FEMININO”

Meu primeiro grupo de vida foi o “Piratas de Rua FEMININO” e ele iniciou em 2007, no ponto de Cultura Chibarro Mix, em Pelotas, Rio grande do Sul, com sede situada no calçadão de Pelotas (Prédio histórico da UFPel), onde estava localizada a Sala Multiusos, utilizada para ensaios, oficinas, exposições, reuniões e atividades administrativas.

Sua política cultural legitima-se por ações voltadas essencialmente à inclusão social. Um de seus princípios é o diálogo permanente com movimentos sociais organizados, órgãos públicos e iniciativa privada. Chibarro significa mestiço. Significa respeito às diferenças étnicas, de gênero, religiosas e de opção sexual. (MICHEL, 2006)

Entrei em 2008, muito por acaso, e já dançava na igreja e na rua, mas no dia que conheci os Piratas de Rua FEMININO, senti que foi o destino. Eu estava passando pelo calçadão de Pelotas, quando escutei um barulho de música e, então, comecei a olhar para dentro da sala e avistei uma pessoa me chamando. Era a **Camila**. Nesse tempo já existia os Piratas de Rua adulto, onde o Vovô Uantpi era diretor e coreógrafo, o grupo tinha mais homens do que mulheres, tinham POUCAS MULHERES, mas isso não era problema, pelo contrário, uma delas era a **Camila Freda (Camilinha)**, que era dançarina do grupo adulto e criou o FEMININO. Ela era nossa inspiração e a gente adorava ver ela dançar no meio dos meninos. Sempre fui uma pessoa observadora, então, cada vez que via a Camila dançando e treinando, me inspirava, percebia o foco dela e o quanto ela era potente e direta em seus movimentos.

Eu sempre percebia a **Camila** concentrada em todos os ensaios, com muita força e agilidade e a forma como os meninos do grupo respeitavam ela.. Podia não ter muitas MENINAS no grupo, mas as que tinham eram incríveis. A minha professora era uma delas.

Lembro que depois dos nossos ensaios, eu sempre ficava espiando o ensaio do grupo adulto escondida do lado de fora da sala, pois eles não deixavam a gente ver. Eu sempre fui muito curiosa com tudo aquilo, pois era lindo para mim e eu amava ver a força, o domínio e a expressão, a forma como eles faziam os

movimentos. Aquela energia chegava em mim muito forte, mas não sabia explicar naquele momento, mas agora entendo como amor, entrega e verdade, sinceridade com o que estavam fazendo.

O Grupo era composto aproximadamente por 17 MENINAS, entre 13 e 15 anos de alguns bairros da cidade, mas a maioria era do Navegantes e da Balsa e eram MENINAS muito talentosas. Eram muito legais as apresentações e quando chegávamos, só MENINAS, todo mundo, automaticamente, olhava muito e vibrava ao ver a gente dançar, pois sempre quando se falava em Piratas de Rua, já pensavam em um monte de homens, então, ver MENINAS JOVENS DANÇANDO era algo bem novo em 2008 na cidade. Já hoje em dia, se vê muitos grupos de MENINAS pelo Brasil afora, se destacando e participando de diversos eventos.

Figura 11. Grupo Piratas de Rua FEMININO Pelotas, 2008 #paratodasverem MENINAS de pele branca e negra, umas agachadas e outras de pé, atrás há uma parede branca com cores coloridas e letras brancas, junto delas, homens negros agachados. Antes da apresentação .



Fonte: Arquivo Pessoal

Mesmo não compreendendo a importância da representatividade naquele tempo, achava lindo a **Camila** dançando com os meninos, pois ela se destacava muito por ser MULHER e por ter uma força gigantesca. Era uma expressão sem igual e acredito que todas as MENINAS do grupo também deviam olhar e ficar encantadas, até mesmo porque para nós ela era nossa referência, além de ser uma pessoa próxima de nós. O interessante disso tudo também é que **Camila** era MÃE e em alguns ensaios, ela levava a sua FILHA.

Figura 12. Grupo Rua FEMININO no Festival Porto alegre em Dança 2008 #paratodasverem: Ao centro 8 participantes do grupo, ao fundo, no lado esquerdo, uma parede escura e, ao lado direito, as janelas de vidro



Fonte: Arquivo Pessoal

O Grupo era bem grande e, aos poucos, algumas MENINAS foram saindo e direcionando as suas vidas para outros lados. O grupo, logo em seguida, terminou e eu fui perdendo o contato com algumas delas, muitas viraram MÃES e iniciaram em novas profissões bem diferentes da dança. Não sei exatamente se todas tinham um objetivo profissional de seguir neste caminho ou se era só naquele momento, mas acredito que, inconscientemente, todas nós nos sentíamos mais potentes e fortes estando juntas no grupo. Para mim, que continuei na área, acredito sim que me ajudou no empoderamento e na resistência, pois antes eu não pensava muito nisso, como sempre falo, só queria dançar, estar nos lugares e por isso a figura da minha MÃE é tão importante, pois ela sempre foi uma MULHER forte e empoderada em relação aos sonhos e aos objetivos dela e isso me influenciou muito, então todo esse conjunto me fez ser quem sou hoje.

Em 2008, não sabia como seria a vida de dançante no futuro, mas eu queria muito e, com força, sempre levei a dança como algo muito sério e percebi que era importante estar em todos os ensaios, prestar atenção, chegar em casa e treinar, treinar, treinar. Acredito que tudo tem o seu propósito e o seu momento. Eu sou fruto do Piratas de Rua FEMININO, primeiro grupo que participei e que não imaginava que hoje se tornaria um marco na minha trajetória acadêmica.

O Piratas de Rua FEMININO era uma iniciativa da **Camila** e, hoje em dia, quando vejo ela e temos a oportunidade de conversar, lembramos do grupo e ela se alegra quando me vê nessa carreira da dança, com tudo que aconteceu até aqui na minha vida e com o quanto fui resistente e batalhadora.

2.3 MULHERES na Cena, um sonho realizado

MULHERES na Cena é um evento que tem como intuito principal fortalecer a cena FEMININA das Danças Urbanas, fazendo diálogos e práticas ministradas por MULHERES, trazendo o protagonismo para as mesmas, empoderando cada uma, tanto no coletivo, quanto na sua individualidade. Sabendo da importância de fortalecer umas às outras, é esse o objetivo de MULHERES, despertar a força dentro de cada uma através da dança e valorizando seus conhecimentos, dessa forma, ocupando cada vez mais espaços e fomentando ainda mais a cena.

O Evento surgiu em 2019 e, a partir de uma iniciativa particular, algumas indagações e questionamentos foram levantados quando fui convidada para dar aula em um evento e chegando lá percebi que tinham mais professores homens do que MULHERES. Como uma artista inquieta e questionadora, voltei para Pelotas-RS com uma vontade gigante de fazer alguma coisa, de ter uma ação real, uma atitude em prol da transformação. No mesmo ano, decidi fazer a 1ª edição, que aconteceu em Caxias do Sul, em um espaço privado, com 4 (quatro) professoras em uma academia de dança. O proprietário foi super parceiro e tive uma amiga, a **RENATA CORDEIRO**, muito querida, que me auxiliou nos primeiros passos dessa edição. O objetivo do evento é a circulação em cidades e estados para potencializar e descobrir outras MULHERES.

Figura 13. Professoras do Mulheres na Cena, Casa de Cultura de Esteio, 2019 #paratodasverem, Professoras sorrindo e abraçando-se descontraidamente com o olhar voltado para a câmera ^[OBJ]



Fonte: arquivo pessoal



A 2ª edição aconteceu em Esteio-RS, na Casa de Cultura, com uma parceria incrível com uma artista da dança de lá, a **Ellen**, que me ajudou demais. Nesta edição tivemos 14 (quatorze) professoras de diversas cidades do Rio Grande do Sul, tais como: Porto Alegre, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Cachoeirinha e Alvorada, com objetivo de criar também uma conversação entre as próprias professoras, proporcionando a troca de experiências entre ELAS e entre as participantes.

Foi minha escolha circular por diferentes localidades e potencializar MULHERES das mesmas, contudo, não deixou de ser desafiador manter um evento nômade, pois não possuía um lugar fixo, então, cada edição é um novo descobrimento tanto da cidade, quanto das MULHERES que lá estavam. É importante lembrar que sempre há uma pesquisa referente ao lugar do evento, ao público, valores, acessibilidade e possibilidades do local.

Figura 14. Mulheres na cena, Esteio 2019. #paratodasverem Participantes e professoras em roda de conversa, algumas sentadas no chão e outras de pé.



Fonte: Arquivo Pessoal

A 3ª edição foi remota, em 2021, pois estávamos no ápice da pandemia de Coronavírus, para não deixar passar mais um ano sem edição. Nesta edição foram os mais diversos estados e recebemos professoras do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro. As aulas foram incríveis, porém, com saudades da presença, pois nada melhor do que o presencial, do que a possibilidade de estarmos juntas.

Ainda em 2021 e no início 2022, realizei *lives* no Instagram das MULHERES na Cena, com alguns nomes importantes de MULHERES (RODA PÉ) do Brasil para conhecer e saber mais sobre a história e a trajetória de treinos e aulas. Foi um momento de muitas trocas e reflexões.

Apesar de todo o lado negativo, que foi devastador para o evento e, para mim, como idealizadora, foi um tempo de novos conhecimentos, novas oportunidades e novos contatos, visto que as redes sociais possibilitaram essa aproximação. Sem dúvidas, todas nós crescemos e aprendemos umas com a história das outras.

Em 2022, em Porto Alegre, o MULHERES na Cena, juntamente com o Fórum Social das Resistências, com a Frente Nacional das MULHERES do *Hip-Hop* e com a **Produtora Flor do gueto**, realizou uma batalha de *Hip-Hop dance* com 4 convidadas, com o objetivo de levar o *Hip-Hop dance* FEMININO e focar também nesta demanda, já que no dia teria uma batalha de Breaking⁶ FEMININA.

E, em 2023, aconteceu a 4ª edição das MULHERES na Cena, na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, no espaço N, localizado na Cidade Baixa. Lá ocorreram workshops, batalhas, rodas de conversa e foi uma das edições que mais tivemos participação de homens, prestigiando e participando. Assim, percebemos ainda mais a importância de ter evento que evidencie a ação da MULHER dentro das danças urbanas.

⁶ Segundo Brito (2021 p.20-21) Esta dança surgiu no Bronx por volta dos anos 70, a partir do *breakbeat*, que é a parte instrumental dos discos de Jazz e Funk, os DJs estendiam esses breaks devido ao seu curto tamanho. O *Breaking* pode ser dividido em cinco categorias de movimento para facilitar o entendimento, segundo Moraes e Costa (2022), sendo ELAS: *Stance*: Poses estilosas realizadas pelos dançarinos. *Top Rock*: É realizada em pé, e considerada uma dança no nível alto. Algumas movimentações que fazem parte desta categoria são, *Salsa rock*, *Indian step*, *Front step*, e o *Kick step*, entre outros. *Footwork*: Agilidade com os pés e pernas, no nível baixo e médio. Para exemplificar esta categoria temos o *Six step*, *Three step*, *CC* e o *Babylove*, entre outros. *Powermove*: Movimentos de força e potência, há em alguns uma dinâmica circular. Saltos mortais também estão nesta categoria. Exemplos de *powermoves* são, *Windmill*, *Flare*, *Air flare* e *1990*. *Freezes*: São pausas de um movimento por pelo menos dois segundos. Alguns exemplos de *freezes* são, *Babyfreeze*, *Handstand*, *Air chair*, *Chair*, entre outros.

Um evento para todas e todos, porém o protagonismo e o lugar de fala era das MULHERES. Foram 6 (seis) aulas e 1 (uma) roda de conversa com a nossa convidada **Amally Mossi**, além da nossa parceria com as MENINAS do **Lady in the Cypher**, que é um evento feito por MULHERES em Caxias do Sul - RS. O **Lady in the Cypher** também é um evento onde, desde a organização e juradas, são MULHERES que organizam e, por esse motivo, a ideia dessa união para o MULHERES na Cena.

Figura 15. Folder Batalha Porto Alegre 2022 #paratodasverem: Folder com fotos das participantes dentro de círculos brancos e ao fundo um dançarino que a imagem está com tons violetas, evidenciando os círculos brancos.



Fonte: Arquivo Pessoal

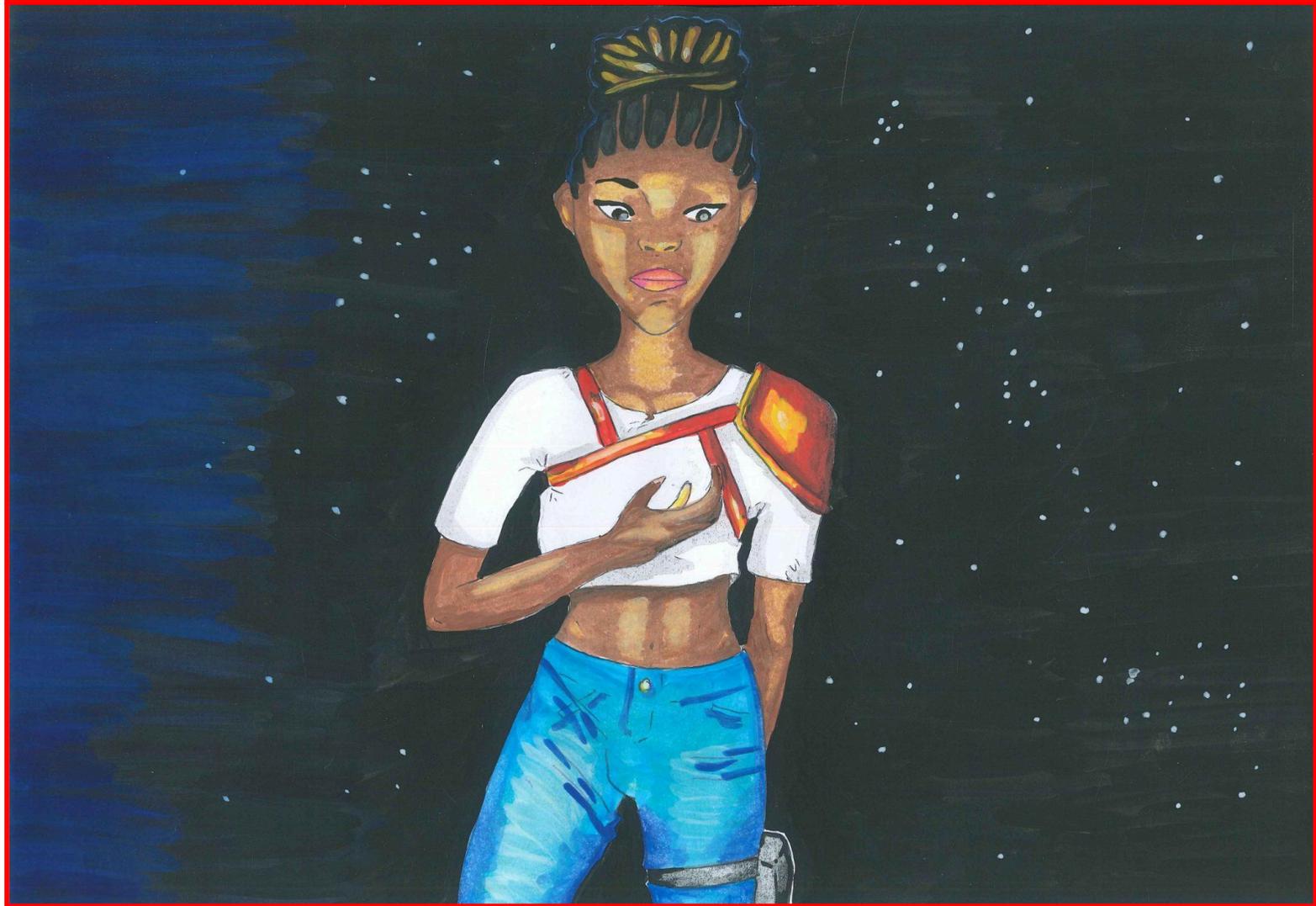
Como idealizadora e organizadora destas 4 edições, percebo a importância do MULHERES na Cena para as MULHERES e para a sociedade em geral, mostrando que o protagonismo FEMININO gera um espaço de construção e educação, tendo a possibilidade de trabalhar somente com MULHERES na linha de frente e criando as suas próprias histórias, que me movem e me inspiram.

Figura 16. Mulheres na Cena .Porto Alegre 2023. #paratodasveremGrupo variado de pessoas com funções diversas no Espaço N, alguns distribuídos de pé e o restante sentado na frente, sorrindo e olhando para a câmera



Fonte: Arquivo pessoal







3 MULHER e a Cultura Hip-Hop (Estados Unidos e Brasil)

So listen very carefully as I break it down for you
 Merrily merrily merrily merrily hyper happy overjoyed
 Pleased with all the beats and rhymes my sisters have employed
 Slick and smooth throwing down the sound totally a yes
 Let me state the position: Ladies first, yes? (Yes)
 Believe me when I say being a woman is great, you see
 I know all the fellas out there will agree with me
 Not for being one but for being with one
 Because when it's time for loving it's the woman that gets some
 Strong, stepping, strutting, moving on
 Rhyming, cutting, and not forgetting
 We are the ones that give birth
 To the new generation of prophets because it's Ladies First
 I break into a lyrical freestyle

Então ouça com muita atenção enquanto eu descrevo para você
 Alegremente alegremente alegremente alegremente hiper feliz muito feliz
 Satisfeito com todas as batidas e rimas que minhas irmãs empregaram
 Liso e suave, baixando o som totalmente um sim
 Deixe-me expor a posição: primeiro as damas, certo? (Sim)
 Acredite em mim quando digo que ser mulher é ótimo, você vê
 Eu sei que todos os caras por aí vão concordar comigo
 Não por ser uma, mas por estar com uma
 Porque na hora de amar é a mulher que ganha
 Forte, pisando, pavoneando-se, seguindo em frente
 Rimar, cortar e não esquecer
 Somos nós que damos à luz
 Para a nova geração de profetas porque é Ladies First
 Eu entro em um estilo livre lírico
 LATIFAH, QUEEN. LADIES FIRST (Tradução nossa)

A cultura *Hip-Hop* é um movimento matriarcal, pois iniciou-se com uma MULHER, como compreenderemos na sequência. Nasceu na periferia, com outros movimentos negros, em 1973, no Bronx, um bairro no subúrbio de Nova Iorque (EUA) e, desde então, ouvimos grandes nomes do *Hip-Hop* como Dj Kool Herc e Afrika Bambaataa, que organizaram os elementos do *Hip-Hop* que conhecemos hoje, porém MULHERES importantes como **Cindy Campbell** tiveram suas vozes abafadas, contudo ela foi catalisadora da cultura *Hip-Hop* nos Estados Unidos. (MULHERES, 2020)

The talented 1st Lady of Hip-Hop Cindy Campbell is the catalyst for the humble beginnings of Hip-Hop. Cindy had the vision to organize a back to school party. Little did she know that her Back to School Party was to become known as The Beginning of Hip-Hop. This establishes her as the first Hip-Hop Promoter. It was her Back to School Party, which she promoted on August 11th, 1973 that her famous brother The Legendary Founder of Hip-Hop DJ Kool Herc, DJ'd in the recreation room at 1520 Sedgwick Avenue in the West Bronx. As a Graffiti writer, her tag name was PEP-1 (174.) She was also a B-Girl. Cindy has worked along-side her brother's involvements throughout the years.

A talentosa primeira-dama do Hip-Hop **Cindy Campbell** é o catalisador para o início humilde do Hip-Hop. **Cindy** teve a visão de organizar uma festa de volta às aulas. Mal sabia ela que sua festa de volta às aulas ficaria conhecida como O Início do Hip-Hop. Isso a estabelece como a primeira promotora de Hip-Hop. Foi em sua festa de volta às aulas, que ela promoveu em 11 de agosto de 1973, que seu famoso irmão, o lendário fundador do hip-hop DJ Kool Herc, tocou como DJ na sala de recreação da 1520 Sedgwick Avenue, no West Bronx. Como escritora de graffiti, seu nome de marca era PEP-1 (174). Ela também era uma B-Girl. Cindy trabalhou paralelamente ao envolvimento de seu irmão ao longo dos anos. (KOOLHERC)⁷ (tradução nossa)

Reflico, então, sobre a participação de **Cindy** na cultura *Hip-Hop* contribuindo para a sua expansão e disseminação nos Estados Unidos, para que tivesse uma grande visibilidade na área cultural e artística, pois além de produtora ela era dançarina, mesmo tendo uma grande importância e sendo tão relevante, percebe-se que foi difícil ser reconhecida diante da sociedade que a cercava. Nos últimos anos, seu nome se destacou na cena. Pouco antes desta pesquisa de TCC, tive contato com o nome dela. No Brasil não é tão diferente, quando se fala em pioneirismos logo, vêm os nomes de Thaíde & DJ Hum, Pepeu, MC Jack, Mike ou os Racionais MC 's (FERREIRA, 2020), onde estão as MULHERES?

⁷ Site pessoal <https://www.djkoolherc.com/copy-of-kool-herc> acesso 01 de fevereiro 2024

Segundo Matsunaga (2006), há participação de MULHERES na cultura, bem como na pesquisa e produção acerca dos elementos que constituem o *Hip-Hop* (dança, música e artes plásticas) e a relevância destas expressões artísticas como potencializadoras da mobilização social.

Figura 19 **Cindy Campbell** #paratodasverem MULHER negra ao centro, cabelo amarrado, brincos pequenos, blusa branca e jaqueta preta, com uma calça xadrez com preto e vermelha e um tênis branco, em sua volta prédios com a cor marrom.



Fonte: <https://www.schoolofbreaking.com/cindy-campbell/>

Para **Silva, (2021)** *Hip-Hop* apesar de ter nascido nos Estados Unidos, é uma cultura que encontra grande identificação com os jovens de todo o mundo, principalmente com a população de baixa renda, moradores de regiões periféricas das grandes cidades, marginalizados pelos ladrões econômicos e sociais, ou seja, é uma CULTURA QUE TRANSCENDE FRONTEIRA.

O Hip-Hop é um termo que descreve a nossa consciência coletiva independente. Sempre crescente, comumente se expressa através de elementos como *Breakin*, *Emiceein*, *Graffiti Art*, *Deejayin*, *Beatbox*, *Street Fashion*, *Gírias*, conhecimento de rua, empreendedorismo. Onde e quando estes e futuros elementos e expressões da cultura se manifestarem; a presente Declaração de Paz do Hip-Hop aconselha o uso e interpretação de tais elementos, expressões e estilo de vida. (SILVA, 2021)

A cultura *Hip-Hop* em 2023 completou 50 anos e é uma cultura de resistência e de expressão cultural, nascida nas periferias de New York, mas no Brasil esta cultura também tomou uma forte proporção nas comunidades, além de ser cultural é um movimento social com grande importância e que cada vez mais vem ocupando diversos espaços no mundo e alcançando todas as classes sociais. Existem muitos projetos sociais onde os elementos do *Hip-Hop* acontecem como forma de resgate de muitos adolescentes, jovens e adultos de baixa vulnerabilidade social.

Sabemos que no Brasil, em 2023, muitos projetos e leis foram aprovados com o objetivo de potencializar o trabalho de atuantes dentro dessa cultura. No Rio Grande do Sul, propriamente em Porto Alegre, no dia 10/12/2023, houve a inauguração do primeiro museu de *Hip-Hop* nacional, onde é possível ter acesso a um acervo maravilhoso.

Figura 20. Museu do Hip Hop. Porto Alegre 2023. #paratodasverem Pessoas comemorando a abertura do Museu do Hip Hop.



Fonte: <https://prefeitura.poa.br/gp/noticias/museu-do-hip-hop-pioneiro-no-pais-e-aberto-na-zona-norte-de-porto-alegre>

Na pesquisa feita pelo Jornal Brasília - São Paulo (2023) as americanas **Roxanne Shante, Sha-Rock, MC Lyte e Queen Latifah e as brasileiras Sharylaine, Rúbia, Dina Di e Negra Li** são alguns dos nomes das MULHERES pioneiras no *Hip-Hop*, nos Estados Unidos e no Brasil. Há 50 anos, o movimento ganhava o mundo e as MULHERES estavam presentes desde o início. Alguns especialistas e artistas, dizem que um dos avanços nesse período é o fato delas ganharem maior protagonismo em um cenário dominado por homens. (RIBEIRO, 2023)

No Brasil, **Lunna Rabetti**, é uma MC que é a fundadora da Frente Nacional de MULHERES no *Hip-Hop*. A organização, criada em 2010, tem como objetivo difundir a participação FEMININA no movimento. (SÃO PAULO, 2023) O grupo, presente em 23 estados, também atua em ações sociais e **Sharylaine** que é contemporânea aos Racionais MCs, **é lembrada como uma das primeiras MULHERES a adentrar este universo, conta Lunna. (RIBEIRO, 2023)**

A Frente Nacional das MULHERES no *Hip-Hop* luta pela valorização da MULHER dentro do *Hip-Hop*, que tem o objetivo de fortalecer as MULHERES criando assim mais espaço e protagonismo, empoderando desde MENINAS, as MULHERES mais experientes. No Documentário 7º Fórum Nacional de MULHERES no Hip-Hop - Aracaju/SE (2019) **Bruna** de 10 anos diz:

- Meu nome é Bruna Mc, tenho 10 anos e moro lá em Lauro de Freitas, uma cidade de Salvador. Sou do estado da Bahia. Eu to muito feliz em estar participando do Fórum Nacional, da Frente Nacional das MULHERES no *Hip-Hop*, eu comecei a ouvir *RAP* com 7 anos, desde pequena, minha mãe sempre ouviu *RAP*, então ela sempre me incentivou, me influenciou a hoje estar cantando. Eu quero agradecer a todas as minas que me inspiram e também aos manos. Quero agradecer a minha mãe que tá sempre me inspirando e sempre mostrando que sou capaz. (Hip-Hop,2019).

A Frente Nacional das MULHERES no *Hip-Hop* luta pelo espaço e reconhecimento das MULHERES dentro da cultura, dizendo que, sim, existem MULHERES no *Hip-Hop* organizadas e capazes, mesmo com toda a dificuldade e machismo, essas MULHERES têm trabalhado constantemente. Lembrando que ELAS fazem parte dos elementos do *Hip-Hop* e são também mães, donas de casa, professoras e empreendedoras. ELAS podem ser o que quiserem ser. O *Hip-Hop* é

uma cultura respeitosa com os seus participantes e, exemplo disso, foi a fala da pérola:

Pérola Negra, mais conhecida como Pérola Lavinny de Aracajú, faço parte do movimento *Hip-Hop* há quase 3 anos e desenvolvo um trabalho com música, performance e poesia. Faço parte da trava nagô que é um grupo formado por 3 travestis negras e periféricas. O fórum é muito importante e poder estar junto com as minas, inclusive sendo travesti, para mim é um rolê duas vezes pior pois sofro opressão por ser MULHER e sofro opressão por ser travesti. (Hip-Hop, 2019)

O Ministério das MULHERES criou Fórum Nacional de MULHERES do movimento *Hip-Hop*, que tem por objetivo construir políticas públicas para um grupo social muito importante, que transforme suas vozes, atitudes e seu canto em um espaço de denúncia de violência contra as MULHERES, de opressão e de todas as formas de submissão das MULHERES”. Redação por ELAS (2024).

3.1 Resistência

Segundo o dicionário online de português (2009, 2023) “resistência é um substantivo FEMININO, ato ou efeito de resistir”. Trago a partir de uma visão política da autora **Emanuely Cristina Vale Souza (2019)**, diz que:

as MULHERES, em meados do século XXI, carregam e enfrentam em seu cotidiano pessoal e profissional, o peso do conservadorismo e de estereótipos formulados desde os primórdios da sociedade que, no entanto, ainda se encontram fortemente presentes, estes sustentados por características de cunho patriarcais e machistas. (SOUZA,2019)

O patriarcado é tido como processo natural, que permeia as relações de gênero onde, obviamente, as MULHERES possuem desvantagens, em comparação aos homens. Embora as transformações societárias estejam intimamente ligadas a ELAS, as MULHERES ainda precisam passar por cima de muitos processos que a colocam em situações de vulnerabilidade social, pois até hoje, muitas MULHERES são vistas por trás da figura masculina.

MULHERES posicionadas e que atuam contra o sistema vigente, ainda são alvo de ataques e críticas, que ameaçam sua permanência e, até mesmo, sua existência, diferente, mas não tão longe do que vivera em tempos de regime militar, quando sua dupla resistência se caracterizava em desmistificar

conceitos sobre sua condição de ser MULHER e não ser repreendida por isso. (SOUZA, 2019)

Figura 21. Símbolo de Resistência #paratodasverem. Punhos para cima com as mãos fechadas.



Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/feminismo.htm>

Souza (2019) relata que “Dados do IBGE de 2017, sobre as MULHERES na vida pública e nas tomadas de decisão, revela que estas ocupavam um total de 10,5% dos assentos da Câmara dos Deputados e no Senado Federal era 16,0%”. **Souza (2019)** também fala que “É notório o baixo índice de representação FEMININA na política, embora a mesma seja a maior parte da população brasileira”. Seguindo neste contexto, **Souza (2019)** traz figuras FEMININAS e brasileiras que ganham destaque neste momento, como **Marielle Franco**, e a ex-presidente do Brasil, **Dilma Rousseff**. A primeira fora brutalmente assassinada pela condição de ser MULHER política que, com coragem, lutava pelos seus ideais e a última fora afastada de seu cargo de presidenta pelo processo de impeachment.

Sendo assim, trago o texto de Souza (2019) falando de MULHERES na política, pois é um local que possui grande participação de homens, fazendo um link com meu tema, pois no *Hip-Hop dance* ainda existe um percentual pequeno de MULHERES e a cultura *Hip-Hop* não é machista, mas sim a sociedade que a cerca, a partir das vivências e pesquisas. No decorrer da minha trajetória, essas demandas e questões foram surgindo.

Como já relatado anteriormente, **Negra Li** é uma figura importantíssima na cultura *Hip-Hop* no Brasil e sua trajetória acumula 22 anos de carreira, se tornando uma das MULHERES que ainda continua em evidência na cena Rap brasileira, pois os anos se passaram e ela continua sendo uma figura de grande relevância no cenário, tendo em vista que sua caminhada nunca perdeu a sua essência, é uma das musas, além de ser resistência no meio musical, que traz consigo sua verdade e a realidade que vive. Há mais MULHERES que também são resistência, falando no cenário atual, como: **Karol Conka, Flora Matos, Linn da Quebrada e Drika Barbosa**, entre outras.

Sempre quando penso em dança, penso em música e quando falo em resistência, falo de MULHERES que se mantêm firmes, resistindo e permanecendo na cultura. No meio atual do *Hip-Hop dance*, ser MULHER já é um ato de resistir e, para além disso, muitas vezes é necessária uma trajetória de sucesso para ser uma referência, ser reconhecida e lembrada.

A cultura *Hip-Hop* se tornou cultural entre cidades, estados e países, se tornando também um movimento de resistência no mundo, influenciando todas as praticantes e simpatizantes. A participação na ocupação das MULHERES não é de hoje, muitas delas no decorrer desses anos foram apagadas e esquecidas do cenário.

No videoclipe *Remember The Time* (1992), primeiro videoclipe coreografado por um artista de *Hip-Hop dance* (Buddah Stretch) e uma MULHER a coreógrafa **Fatima Robinson**, (<https://lrculturevulture.com/2015/02/18/black-history-month-spotlight-fatima-robinso/>) é possível observar que já existiam MULHERES nas coreografias de *Hip-Hop*, embora ELAS não sejam tão conhecidas ou mencionadas pela mídia, ELAS estavam lá.

Figura 22. Clipe ‘Remember The Time’ Michael Jackson 1992 #paratodosverem Grupo de pessoas dançando com calças brancas, alguns com lenços laranja, vermelho e azul na cintura e parte de cima marrom e lenços na cabeça.



Fonte: <https://www.imdb.com/title/tt3329648/>

Importante trazer essa referência, pois além dos dançarinos, as dançarinas MULHERES também tiveram um papel essencial para a dança *Hip-Hop* e podemos estar refletindo e tendo a oportunidade de melhorar as nossas práticas, percebendo que MULHERES são resistência e seguem resistindo, para isso é necessário olhar para trás, para entender mais de questões que abordamos hoje. Bianchini (2021) ainda diz que: “Se quer saber o final, preste atenção no começo”.

No final do questionário, as MULHERES participantes deixaram uma mensagem/reflexão para a pesquisa, cito abaixo suas falas e seus nomes devidamente autorizados por elas mesmas.

Te admiro muito como mulher negra na cena hip hop, continue com essa tua vontade de fazer acontecer que tu vai longe. Feliz em ter te conhecido! GREYSE DORNELLES (2024)

Como estrangeira, comparo e eu vejo poucas mulheres ocupando espaço. também observo comportamento machista de parte de homens, então tenho sentido que sejam poucas mulheres. parabéns por representar. temos que unirmos todas pra inspirar a mais mulheres! ROSÁRIO (2024)

Que nós mulheres possamos alcançar lugares imagináveis, espaços que ainda não tenham nossas marcas e nossas verdades, que nossas histórias e

lutras sejam inspiradoras para as gerações futuras, pois as nossas ancestrais mulheres lutaram, anteriormente, para que nós pudéssemos estar aqui agora, falando exatamente sobre isso! DEBORA CARDOZO (2024)

Não soube muito como responder, como me conheces, sabes que estou iniciando e quero cada vez mais aprender sobre as mulheres na cena do hip hop e, principalmente, com você. TATI ROSSI (2024)

Continue fortalecendo a cena! Você inspira demais. GABI OLIVEIRA. (2024)

3.2 Hip-Hop dance, afinal, que dança é essa?

A pesquisa sobre o *Hip-Hop dance* foi um grande desafio, tive dificuldade em encontrar textos relacionados a MULHER a essa modalidade, quando iniciei os estudos só encontrava livros e artigos falando da cultura *Hip-Hop* no geral, mas logo em seguida encontrei em sites, blogs, livros, vídeos e artigos, e aos poucos fiquei aliviada em encontrar maior contextualização para este trabalho alimentando ainda mais a minha escrita, pois o início foi difícil, só encontrei a definição da dança *Breaking* como dança da cultura *Hip-Hop*.

Sendo assim, após muitas leituras e maratonas de pesquisa, encontrei alguns conceitos de autoras, autores e dançarinas/os que também desbravam esse termo criando pensamentos através das suas visões e vivências.

Então, vamos lá... O *Hip-Hop dance* é uma dança que faz parte da cultura *Hip-Hop*, junto com outras danças como *Breaking*, *Popping* e *Locking*, que foram as primeiras a fazerem parte da cultura direta e indiretamente, logo em seguida, danças como *House-Dance*, *Dancehall*, *Krump*, *Vogue*, *Waacking* e *Tutting* surgiram e se agregam a cultura, ambas nasceram em ambientes de festa. O *Hip-Hop dance* era muito visto em filmes e festas, inclusive o próprio Michael Jackson (1958) tinha artistas dançando esse estilo em seus clipes. Segundo MA (2022) em Cabral 2023:

(Hip Hop Party Dances) But not everyone could do Breaking's athletically demanding moves, nor were they interested in competition. And different types of Hip Hop music have gotten people to move in a different way – a way that is social, joyful and fun. With the advent of dancers like Buddha Stretch, Hip Hop party dances were born! Some examples of these social or party dance moves include: The Snake, Chicken-head, Cabbage Patch, Harlem Shake and Running.

*(Hip Hop Party Dances) Mas nem todo mundo poderia fazer os movimentos atleticamente exigentes de *Breaking*, nem estavam interessados em competição. E diferentes tipos de música *Hip Hop* levaram as pessoas a se moverem de uma maneira diferente – uma maneira que é social, alegre e*

divertida. Com o advento de dançarinos como Buddha Stretch, nasceram as danças de festa do Hip Hop! Alguns exemplos desses movimentos de dança social ou de festa incluem: *The Snake, Chicken-head, Cabbage Patch, Harlem Shake, and Running Man*. (MA, 2022) “tradução nossa”

Hip-Hop DANCE

Hip-Hop DANCE

No Livro *Beginning Hip-Hop dance* Durden (2019) diz que:

hip-hop arose in the Bronx in the early 1970s in the form of b-boying. It began to attract mainstream attention from both American and global audiences when it was featured in the 1983 film Flashdance (Simpson, Bruckheimer, & Lyne, 1983). In particular, one scene that focused on breaking inspired young people around the world to investigate this dance form. The solo dances (also referred to as social or party dances) of the 1980s continued to gain global popularity through rap concerts and music videos featured on the television series Yo! MTV Raps.

Hip-Hop surgiu no Bronx, no início dos anos 1970, na forma de b-boying. Começou a atrair a atenção do público americano e global quando foi apresentado no filme *Flashdance* de 1983 (Simpson, Bruckheimer e Lyne, 1983). Em particular, uma cena focada no *break* inspirou jovens ao redor do mundo a investigar essa forma de dança. As danças solos (também conhecidas como danças sociais ou de festa) da década de 1980 continuaram a ganhar popularidade global por meio de shows de rap e videoclipes apresentados na série de televisão Yo! MTV Rap. (DURDEN, 2019) (*Tradução nossa*).

Dance Hip-Hop does not use movement practices from modern, ballet, or Broadway- or Hollywood-style jazz dance. Rather, like African, authentic jazz, and other African-diasporic dance forms (such as Afro-Cuban, Brazilian, and Haitian), hip-hop employs a curved spine, bent knees, and an orientation to the earth. It is percussive, improvisational, and communal for example, using call-and-response. It also uses pantomime and isolations, and it deeply engages the full body—neck, shoulders, arms, torso, rear end, hips, legs, knees, and feet. It is fluid, and the feet are flexed, not pointed.

O Hip-Hop dance não usa práticas de movimento do balé moderno ou da dança jazz ao estilo da Broadway ou de Hollywood. Em vez disso, como o jazz autêntico africano e outras formas de dança afro-diaspóricas (como afro-cubana, brasileira e haitiana), o *Hip-Hop* emprega uma coluna curvada, joelhos dobrados e uma orientação para a terra. É percussivo, improvisado e

comunitário - por exemplo, usando canto e resposta. Ele também usa pantomima e isolamentos e envolve profundamente todo o corpo - pescoço, ombros, braços, tronco, traseiro, quadris, pernas, joelhos e pés. É fluido e os pés são flexionados, não pontiagudos. (DURDEN, 2019). (*Tradução nossa*)

O *Hip-Hop dance* é um estilo de dança contemporâneo que utiliza a polirritmia e é policêntrico, permite a expansão e a criação de novas variações, sem perder a essência do *Hip-Hop* e utilizando o *Bounce*, *Rock* e *Groove*, juntamente com os passos sociais, o que permite aos praticantes criarem seus próprios repertórios no *freestyle*. Entretanto, essa dança possibilita que praticantes, além de criar suas identidades, tornem suas danças únicas.

O *BOUNCE* é o balanço do corpo, é um movimento que possibilita os praticantes de mostrar todo o seu gingado e jeito de ser, até mesmo em sua caminhada é possível utilizar, pois é algo natural, por exemplo, na série Americana “Um Maluco no Pedaco” (1990), em suas caminhadas, Will Smith tem todo um balanço e isso é fruto das influências do lugar que habita, vale destacar que o ator e cantor Will Smith é rapper.

O consagrado artista Henri Link, em uma aula⁸ para o vocabulário lúdico de *Hip-Hop* (2023), respondeu a uma pergunta dizendo que os critérios que ele julga em uma batalha de *Hip-Hop dance* são exatamente a presença do *Bounce*, *Groove* e *Rock*.

Na videoaula⁹ do site Apollo 90, renomado espaço artístico americano, a professora **Charlene Smith** explica que o *Groove* é dividido em três partes: o *Bounce* dos joelhos, *Rock* do tronco e *Groove* da cabeça.

“Grooving” is a term that is used frequently in Street, Club and Funk Dance forms better known to you as Hip Hop Dance. Grooving breaks down into three parts: “Bounce, Rock and Groove”. (Smith, 2024)

“Grooving” é um termo usado com frequência nas formas de Street, Club e Funk Dance, mais conhecidas como Hip Hop Dance. O Grooving se divide em três partes: “Bounce, Rock and Groove” (Smith, 2024) (*Tradução nossa*)

Particularmente, concordo com a artista e acrescento o sentir a música, esses conceitos são explicados dessa forma no *Rock*, o corpo vai para frente e para trás, mantendo o corpo firme, o *Bounce* é o balanço do corpo para baixo e para cima e

⁸ Sobre Hip Hop Henri Link Responde: <https://www.instagram.com/reel/C038f6xOvct/>

⁹ Video aula Apollo 90 : <https://www.apollotheater.org/library/hip-hop-dance-bounce-groove-and-rock/>

Groove é a forma que seu corpo reage juntamente com esses fundamentos. Por mais que não seja indicado a tradução direta dessas palavras, vale consultar as possíveis traduções, para apoiar a explanação e procurar compreender a inserção delas na cultura *Hip-Hop*, sendo as interpretações possíveis: *Rock* = balançar, *swing*; *Groove* = sulco, detalhe, vinco; e *Bounce* = pular, pulsar, elasticidade e orgulho.

Dessa maneira, posso afirmar que o *Groove* é a essência, o detalhe que encanta, a “cereja do bolo”, a identidade do artista no *Hip-Hop dance*, juntamente com o *Bounce* e *Rock*.

Em uma conversa informal com Vovô Uantpi¹⁰, diretor da Tribo Uantpi, da qual faço parte, ele também menciona que para ele a dança *Hip-Hop* está em cima desses três principais fundamentos: *Bounce*, *Groove* e *Rock*. Ele menciona que com esses três fundamentos é possível dançar, improvisar e criar qualquer tipo de movimento de *Hip-Hop dance*. É importante salientar que a consciência corporal e musical também colaboram para a criação da sua dança.

E vale destacar que a primeira dança da cultura *Hip-Hop* foi o Breaking, na década de 70 e o *Hip-Hop dance*, marcado na década de 80 com maior ênfase, contudo, sempre esteve presente, desde o início da cultura Hip-Hop, como um desdobramento do jazz africano e funk da década anterior, nem todos e todas executavam movimentos acrobáticos do Breaking, mas mesmo assim, se divertiam e dançavam nas festas. Segundo Cabral:

O *Hip-Hop Dance* é um estilo híbrido que dá oportunidades de brincar com alguns outros estilos, mas nunca perdendo a essência do *Hip-Hop Music*, por isso chamamos de *freestyle*, por causa das misturas e combinações de outros estilos. Os dançarinos podem expressar suas habilidades individuais criando seu próprio estilo, seguindo do *Bounce*, *Rock*, *Skate*, *Roll*, *Boogie* e o *Breaking*. Contudo, este estilo não tem *script*, você cria a sua assinatura, por isso é muito subjetivo encontrar algo específico para reconhecer seus praticantes, acredito que apenas olhando o jeito de caminhar você já identifica quem dança *Hip-Hop Dance*. (CABRAL, 2023)

Além disso, é impossível não mencionar que o *Hip-Hop* tem uma grande influência negra, criado nos guetos, é uma dança afrodiáspórica. Mais fundamentos foram criados nesse processo de descobrimento do *Hip-Hop dance*, se tornando

¹⁰ Idealizar o grupo Piratas de Rua e Tribo Uantpi do qual faço parte. Site pessoal: <https://metodouantpi.wixsite.com/uantpi>

passos sociais da dança, divididos em três escolas *Old school*, *Middle School*, *New School*, entretanto o próprio criador destes termos Buddha Stretch¹¹ e Henry Link¹² no *New School Dictionary*, já possui uma playlist canal no Youtube¹³, chamada “*Next School Dictionary*” para estudos, pois os anos passam e a dança se modifica. Esses movimentos e conceitos se apresentam de algumas formas, sem deixar de lado o *grooving*, *feeling*, isolamento e inovação, o que permite criar expressões e gestos acerca do *freestyle*, de acordo com sua criatividade e conhecimento.

Buddha Stretch é uma grande referência no *Hip-Hop dance* e teve uma grande influência para a disseminação desse estilo, criando a equipe chamada Elite Force¹⁴ e também foi coreógrafo do Rei do Pop Michael Jackson. Em 2019, tive o prazer de fazer uma aula de *Hip-Hop* com ele em um evento internacional chamado MDA, em Veranópolis, no Rio Grande do Sul. Foi uma experiência incrível, essas vivências sempre fazem com que seja possível o aprofundamento do estudo desse estilo. Na sua aula passou alguns fundamentos do *Hip-Hop dance*, que ele considerava importante para o vocabulário dos dançarinos/as.

Segundo Bianchini (2021) no livro *Laboratório Hip-Hop Arte, Educação, Batalha*, por Silva (2021), ele diz que: “O *Hip-Hop dance* continua recebendo sangue novo, não apenas dentro da dança em si, mas, principalmente, de tudo o que há em seu entorno”.

Hip-Hop Dance is a style of movement characterized by bounces and rocks, executed to Hip-Hop music. It has deep historical and social roots in African American culture, having emerged in Black communities living in 1970s New York. While frequently referred to as a singular dance style, Hip-Hop dance is part of a whole culture of Hip-Hop, that includes Deejaying, Graffiti, Emceeing, and Breaking.

Hip-Hop Dance é um estilo de movimento caracterizado por saltos e gingas, executado ao som da música Hip-Hop. Tem profundas raízes históricas e sociais na cultura afro-americana, tendo surgido em comunidades negras que viviam, na década de 1970, em Nova Iorque. Embora frequentemente referida como um estilo de dança singular, a dança Hip-Hop faz parte de toda uma cultura do Hip-Hop, que inclui Deejaying, Graffiti, Emceeing e Breaking. (MA, (Tradução nossa))

¹¹ Buddha Stretch < <https://and8.dance/en/artist/buddha.stretch> >

¹² Henry Link < <http://www.eliteforcecrew.com/profiles/henry-link/> >

¹³ <https://www.youtube.com/@THEMOPTOPCHANNEL>

¹⁴ Elite Force. <https://www.eliteforcecrew.com/home/>

Figura 23. Festival internacional de Danças, Veranópolis 2019 #paratodaslerem Ao centro da imagem estão homem e MULHER, ambos negros; do lado esquerdo, o homem está de boné e camiseta vermelhos, calça xadrez preta e vermelho e tênis vermelho; MULHER de cabelos amarrados, camiseta preta, com detalhes em branco, calça jeans e tênis branco; fundo pano preto e evidenciando a arquibancada.



Fonte: Arquivo Pessoal.

No *Hip-Hop dance*, assim como *Breaking* e *Looking*, a predominância de MULHERES ainda é bem baixa (afirmo isso pela experiência e participação em eventos, assim como pelas respostas da minha pesquisa de campo), quando se trata de participações em batalha de dança. Na minha trajetória, tive duas MULHERES que foram super importantes para mim, tanto pela representatividade quando pela sua habilidade no *Hip-Hop dance*, ELAS são **Martha e Niki** e

ganharam, no ano de 2010, a renomada batalha mundial Juste Debout¹⁵, com as finais na França.

Figura 24. Martha e Niki, Juste Debout - França 2010 #paratodaslerem MULHERES negras no centro, uma com casaco azul e listras brancas nos braços, segurando o troféu, de cabelos presos e brincos pequenos; ao lado MULHER negra de camiseta verde, cabelos amarrados e segurando o troféu.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=pWJqNWyVNKw>

Me identifiquei com a dupla pelo estilo de dança de ambas e, literalmente, foi por causa da dança e de energia similar que, desde então, eu comecei a acompanhá-las pelas redes sociais. Em 2020, em meio a pandemia, participei de uma batalha *on-line*, realizada por um grupo do Rio de Janeiro chamado “Vp Crew”, no qual tive o prazer de ser julgada pela **Niki** e, em 2022, eu conheci a **Martha** em um evento no Brasil chamado *Hip-Hop District*, que acontece em Jundiaí, São Paulo.

Niki e Martha foram as primeiras MULHERES em batalhas que eu tive como referência quando comecei a batalhar, quando olhava os vídeos delas em eventos, eu me motivava muito. Eu não entendia, talvez, a importância dessa representatividade, mas algo dentro de mim se acendia, a potência das MULHERES negras ocupando diversos espaços faz com que isso gerasse um empoderamento às MULHERES em sua volta, fazendo com que as outras entendam que também

¹⁵ Niki&Martha. Juste Debout 2010 < <https://www.youtube.com/watch?v=pWJqNWyVNKw> >

são capazes e que podem chegar longe, foi assim comigo quando comecei a ter consciência e ver que ELAS, quanto mais MULHERES no meio do *Hip-Hop* tiverem, mais estarão sendo influenciadas positivamente.

Em uma entrevista para o Red Bull (2018), **Niki**, que é campeã do Just Debut, conta que:

"When it's about being heard in the hip-hop dance scene, as a woman you often have the feeling that you have to prove yourself first" says Niki. She learned through dance that it's important not to compare yourself to others all the time. "We women have a special energy. When you watch us dance, there's magic in the air."

"Quando se trata de ser ouvida na cena da dança hip-hop, como MULHER, muitas vezes você tem a sensação de que primeira precisa provar seu valor", diz Niki. Ela aprendeu através da dança que é importante não se comparar com os outros o tempo todo. "Nós, MULHERES, temos uma energia especial. Quando você nos vê dançar, há magia no ar. (KINDLER, MITTERHUEMER, 2018) (Tradução nossa)"

Atualmente, além das dançarinas **Martha e Niki**, a dançarina francesa chamada **Lindsay** tem me inspirado e me chamado atenção com suas performances em batalhas e com suas atuações como juradas em eventos no exterior. Tive o prazer de ter uma conversa informal com a dançarina pelo Instagram e de conhecer um pouco mais sobre ela.

Me apresentei e falei da Pesquisa:

Hi, my name is Francine, I'm from Brazil and I dance Hip-Hop, you inspire me. I'm doing some research with women who dance Hip-Hop. What is Hip-Hop to you? I would like to hear from you.

Olá, meu nome é Francine, sou brasileira e danço Hip-Hop, você me inspira. Estou fazendo algumas pesquisas com MULHERES que dançam Hip-Hop. O que é Hip-Hop para você? Eu gostaria de ouvir de você. (Tradução nossa).

Lindsay sensivelmente respondeu:

Hi so sorry I don't have reply yesterday because I have lot of things to do but hip-hop to me it's all my life! I grow up with that. I heard hiphop music when I was younger and danced to them. It was just an evidence. Despite my two births, I never gave up on hip-hop dancing, I was immersed in it. I like battle, it's a challenge for myself.

Olá, desculpe, não respondi ontem porque tenho muitas coisas para fazer, mas hip-hop para mim é toda a minha vida! Eu cresci com isso. Eu ouvia música Hip-Hop quando era mais jovem e dançava nelas, era apenas uma evidência. Apesar dos meus dois partos, nunca desisti da dança hip-hop, estava imerso nela. Eu gosto de batalha, é um desafio para mim. (Tradução nossa).

Figura: 25. Lindsay #paratodaslerem MULHER negra, cabelos presos, de blusa manga longa preta e desenhos brancos, brincos pequenos atrás dela, espelho com bordas brancas.



Fonte: @lindsay_badness

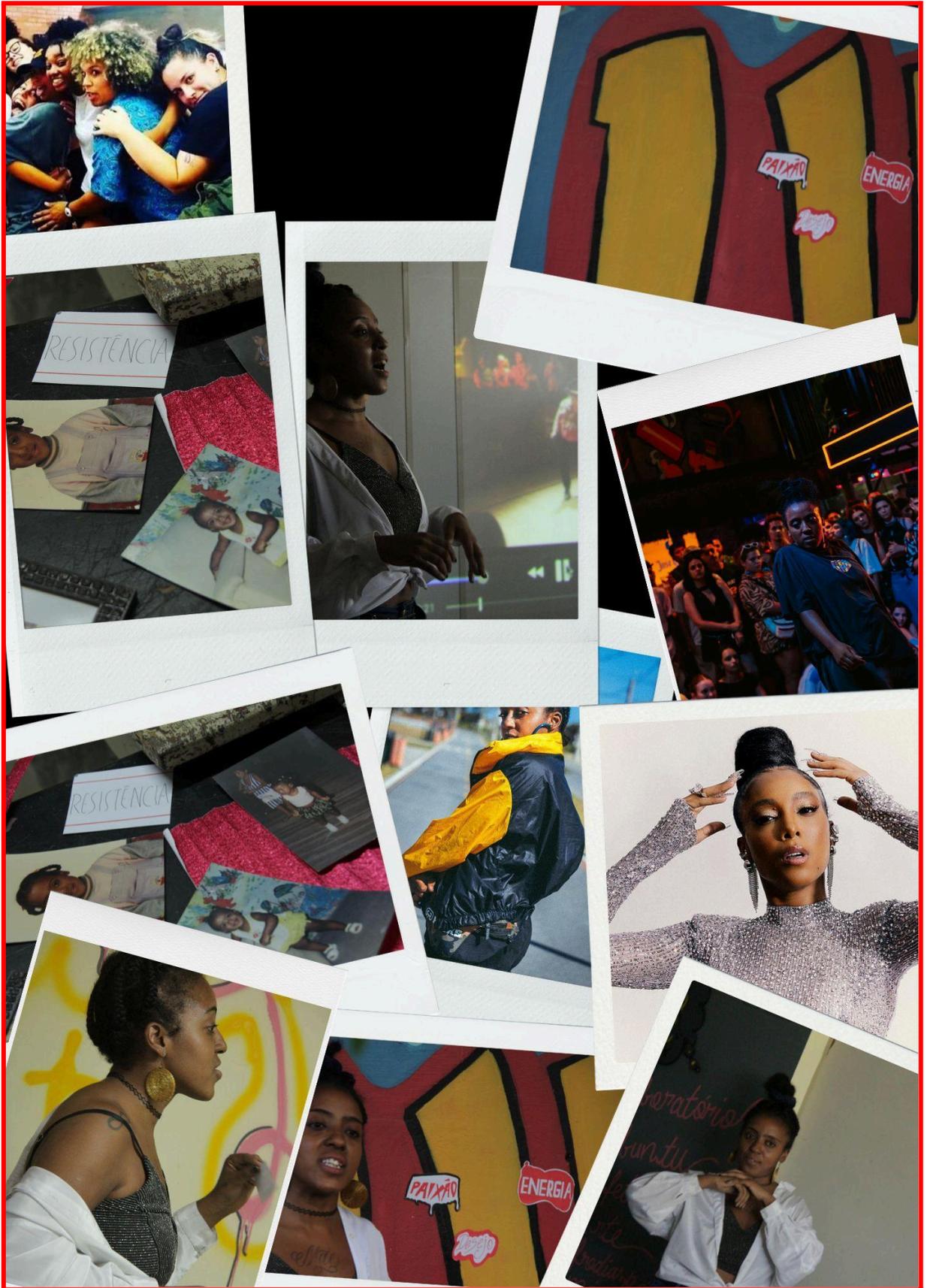
A participação das MULHERES no *Hip-Hop* é de uma grande importância para cena, que grande parte é constituída por homens, pois ELAS passam a possuir grande representatividade para ambos os participantes e, até mesmo, para aquelas que já estão, pois é necessário perceber como é possível cuidar das tarefas e seguir conforme for o seu objetivo dentro da dança *Hip-Hop*, seja ele dançar, ensinar, julgar produzir, as MULHERES são capazes de também seguir ocupando esses espaços.

No questionário, as mulheres que participaram também citaram nomes de dançarinas que são inspiração dentro do *Hip-Hop dance*, descritas abaixo. Escolhemos deixar os nomes duplicados para compreender que uma mesma

pessoa pode ser referência para várias outras, confirmando a importância delas na cena.

Djessy, Francine Lemos, Fabi Santos, Yoshie Koda, Chachi Gonzales, Francine Lemos, entre outras que não me recordo; Francine, Luana Luara, Amely, Puncha... Muitas; Professora Paula Gregório, Arielle Macedo, Jortay, Waackxx_xy, Erika Ramos; Foco muito em artistas mulheres como Sarah Be e entre outras. Não de hip-hop em si, mas em dançarinos como Darren, Fran Lemos, Kaliloo; Por enquanto Fran Manson, Mayara Muller, Djessy, Francine Lemos Mayara Muller, Galen Hooks, Flavia Lima, Yvoni, Kyoka, Yoshi Jacque Simoli, Caco Aniceto, Mayara Muller, Fran Manson, Diego Josh; Muitas, mas desde novinha a Mayara Müller e, internacional, Bailey Sok; Quando iniciei, Niki e Martha. Martha Nabwire, Bianca Brewton, Francine Lemos, Martha Nabirye, Sté Peres; Sté Peres e Marininha, Mayara Miquelotto, Erika Ramos, Gaaby yo!, Gissauro, Miyu Laure Courtellemont, Parris Goebel, Fran Manson, Fernanda Fiuza, Beyoncé, Kirsten. Galen Hooks, Karla Sousa Franci, Ste, Marlee, Martha, Nat Fran, Camila, Sara (uma artista de fora) e pessoas que vejo vídeos dançando Mel's, Dypa, Neo, Luwam, Martha.





4 MADREgestão Hip-Hoppers, dialogando com a cena

Madregestão Hip-Hoppers apresenta e reflete sobre a pesquisa de campo, o questionário foi criado com o objetivo de conhecer e alcançar as MULHERES que fazem parte da cena *Hip-Hop dance*, sendo ELAS: professoras, juradas, produtoras de eventos, competidoras, proprietárias de academia ou praticante... As perguntas criadas foram a partir de questões relevantes e essenciais para responder algumas pautas do trabalho. O questionário completo está disponível no apêndice.

Sendo uma pesquisa qualitativa, alguns dados foram transformados em gráficos e percentuais, buscando observar o panorama geral da temática da pesquisa e refletir sobre os dados obtidos em relação a experiência da pesquisadora na cena artística

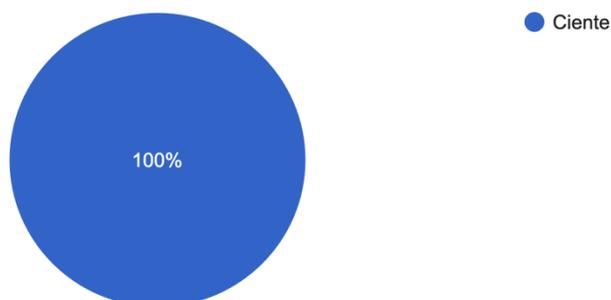
Faço parte da cena do *Hip-Hop dance* FEMININA no Brasil desde 2014, então compartilhei o questionário aplicado através do formulário Google com MULHERES que já possuo contato direto, isso facilitou e possibilitou conhecê-las com mais detalhamento, além de contar com o apoio em rede, pois ELAS compartilharam em suas redes pessoais.

No questionário, além de todas as perguntas referentes ao *Hip-Hop dance*, o primeiro ponto era a confirmação das participantes e 100% ciência do uso dos seus dados para o desenvolvimento da pesquisa (Figura 24).

Figura 28 - Gráfico 1. Ciência na participação na pesquisa:

DECLARO, que tenho ciência e autorizo a professora-artista-pesquisadora FRANCINE LEMOS a coletar, analisar e citar dados e textos do questionário abaixo.

32 respostas



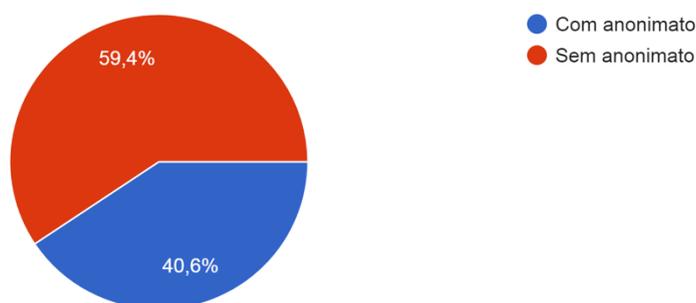
Fonte: Arquivo pessoal – pesquisa TCC

Acerca do bom andamento e transparência no trabalho, há uma questão sobre querer ou não querer o anonimato e o resultado foi 59,4 % sem anonimato e 40,6 com anonimato, entendemos e respeitamos suas colocações, mediante a pesquisa, assim como utilizamos citações diretas das participantes que autorizaram serem nomeadas (Figura 25).

Figura 29 - Gráfico 2. Participantes que optaram por anonimato ou não.

Asseguro que o nome da entrevistada não será revelado na publicação das informações, caso a mesma faça a opção pelo anonimato.

32 respostas



Fonte: Arquivo pessoal – pesquisa TCC

Na questão sobre autodeclaração (IBGE) (Figura 26) as MULHERES responderam 48,8% brancas, 16,1% pardas, 35,5% negras; e nenhuma seleção para indígena e amarela, destacando que, mesmo sendo uma cultura de matriz africana, no cenário pesquisado há a predominância de mulheres que se autodeclararam brancas. E conforme GOMES (2019), o pardo está em um limbo identitário-racial brasileiro, que vale destacar, pois se as pardas se identificassem como negras, no questionário teríamos 51,6%, ou seja, a predominância de negras participantes.

O embranquecimento da população negra e ameríndia existe como estratégia de genocídio, desde o começo da diáspora forçada no século XVI. Alguns de seus meios, no entanto, alteraram-se durante os anos – o estupro da mulher negra é descrito como o primeiro. Por isso, o sujeito miscigenado é, antes de tudo, produto

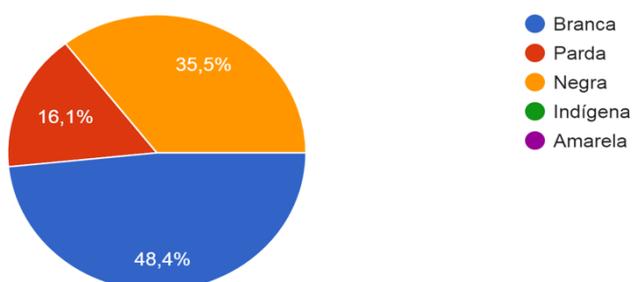
de séculos de estupros institucionais de mulheres negras e indígenas. (GOMES, 2019)

Nos anos 80, o Movimento Negro Unificado (na política) e estudiosos do IBGE (analiticamente) reivindicaram o grupo pardo como integrante do grupo negro, atribuindo, assim, para “negro” o significado de “afrodescendente” (GUIMARÃES, 2003, p.103 in GOMES).

Dessa forma, percebemos o quanto a cultura, apesar de ser afrodiaspórica com raízes negras, está grandemente embranquecida.

Figura 30. Gráfico 3. Autodeclaração das Participantes.

Auto declaração (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE)
31 respostas



Fonte: Arquivo pessoal- pesquisa TCC

O questionário foi aplicado no período de 01 agosto de 2023 a 15 novembro 2023, com 22 perguntas enviadas para MULHERES atuantes no *Hip-Hop dance* e com a participação de 32 (trinta e duas) MULHERES de vários estados diferentes, entre eles: Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Com a região Sudeste e Sul, com maior presença FEMININA, neste contexto (Figura 27).

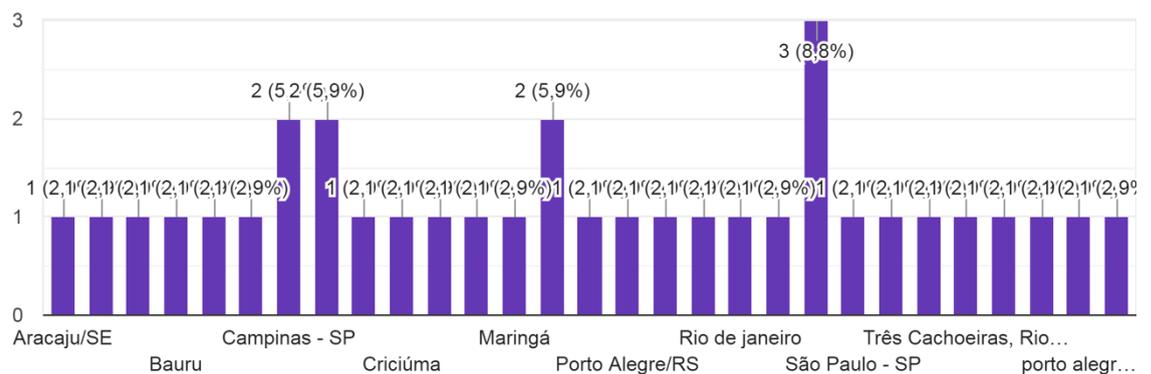
Para saber mais sobre a atuação dessas MULHERES, elaborei uma questão de múltipla escolha, onde as participantes poderiam escolher mais de uma opção. A porcentagem maior foi de 58,8%, que é artista da cena, dança profissionalmente em espetáculos e comerciais, 47,1% é produção cultural (eventos, encontros, etc) e 47,1% participa de batalhas de *Hip-Hop dance*, já 44,1% ministram aulas regulares, 44,1% ministram workshops e oficinas esporádicas e 26,5% é coreógrafa de

trabalhos artísticos com duração 25min: espetáculos e intervenções, 23,5% são júri de Batalhas de *Hip-Hop dance*, 20,6% são coreógrafas de festivais competitivos, 17,6% outros, 11,8% são júri de festivais competitivos (Figura 28).

Figura 31 - Gráfico 4. Lugar de residência das participantes.

Cidade - Estado onde reside atualmente:

34 respostas

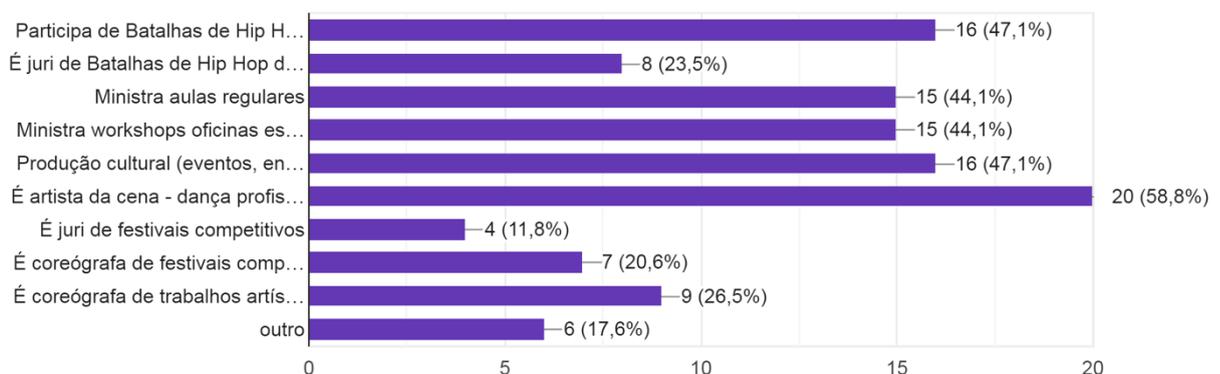


Fonte: Arquivo pessoal- pesquisa TCC

Figura 32 - Gráfico 5. Área de atuação no *Hip-Hop dance* das participantes.

Qual sua atuação como artista de Hip Hop dance? (pode escolher mais de uma opção)

34 respostas



Fonte: Arquivo pessoal- pesquisa TCC

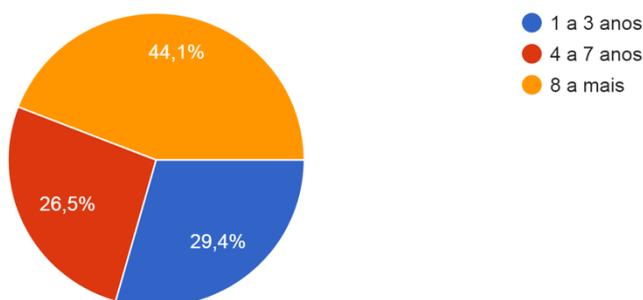
Podemos concluir, portanto, que a maioria das artistas da cena, dançam profissionalmente em espetáculos e comerciais, porém a participação das MULHERES em batalhas de *Hip-Hop dance* é de 47,1%, o que ainda é considerado baixo, em relação as artistas da cena, ou seja, nem todas as MULHERES participam de batalhas de *Hip-Hop dance*, com isso também o percentual de juradas de batalhas de *Hip-Hop dance* é de 23,5%, ainda é bem pequeno em relação às MULHERES participantes da cena.

Muitas perguntas foram feitas no decorrer do questionário, uma delas foi o tempo que trabalha com o *Hip-Hop dance*: 44,1% mais de 8 anos, 29,4% de 1 a 3 anos e 26,5% de 4 a 7 anos. Entretanto, é necessário destacar que as MULHERES estão atuantes na cena de diversas formas e no gráfico é possível perceber que 44,1% trabalham com o *Hip-Hop dance* há mais de 8 anos, ou seja, as MULHERES estão ocupando os diversos espaços de trabalho que a dança possibilita (Figura 29).

Figura 33 - Gráfico 6. Tempo de atuação no Hip-Hop dance

Há quanto tempo trabalha com o Hip Hop dance?

34 respostas



Fonte: Arquivo pessoal- pesquisa TCC

Para ampliar seus conhecimentos e saber onde as MULHERES já foram estudar, perguntamos se já participou de cursos, eventos, encontros de *Hip-Hop dance* em outro estado (fora da sua residência), 84,4% falaram que sim e 15,6% que não (Figura 30).

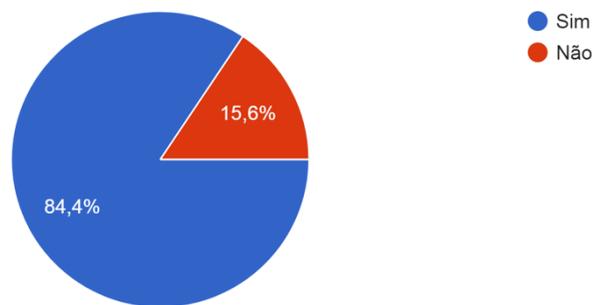
Na Figura 30, o gráfico apresenta como as MULHERES sempre estão a procura de conhecimento para melhorar as suas práticas, entendendo a importância de sair das suas zonas de conforto para conhecer amplamente, além das suas

vivências e estudos no Brasil. Elaboramos o gráfico na Figura 31 com uma pergunta: Já participou de eventos, cursos, encontros de *Hip-Hop dance* em outro país?

Figura 34 - Gráfico 7. Participação em outros eventos.

Já participou de eventos, cursos, encontros de Hip Hop dance em outro estado (fora da sua residência)?

32 respostas

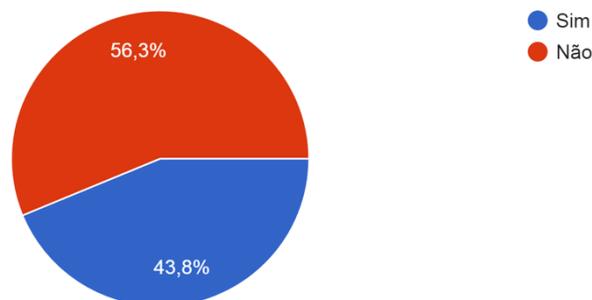


Fonte: Arquivo pessoal- pesquisa TCC

Figura 35- Gráfico 8. Encontros de *Hip Hip dance* em outro país.

Já participou de eventos, cursos, encontros de Hip Hop dance em outro país?

32 respostas



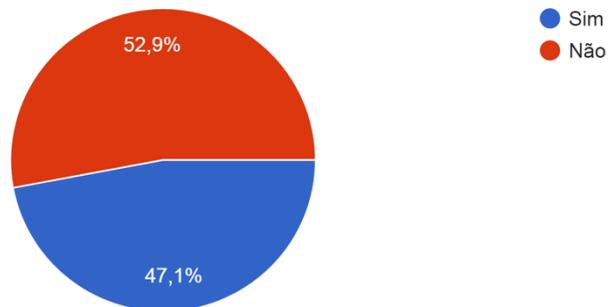
Fonte: Arquivo pessoal- pesquisa TCC

Sabendo da importância das MULHERES no cenário atual e trazendo a MULHER como o sujeito desta pesquisa, outra pergunta essencial foi: Você teve

professoras MULHERES quando iniciou no *Hip-Hop dance*? 52,9% não tiveram e 47,1% tiveram professoras MULHERES no seu início (Figura 32).

Figura 36 - Gráfico 9. Professoras MULHERES no início da sua trajetória.

Você teve professoras mulheres quando iniciou no Hip Hop dance?
34 respostas

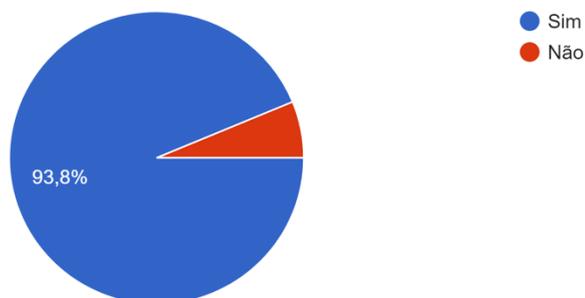


Fonte: Arquivo pessoal – Pesquisa TCC

Também questionei se as participantes se inspiram em alguma artista do *Hip-Hop dance* para dançar: 93,8% sim e 6,3% Não (Figura 33).

Figura 37 - Gráfico 10. Participantes que se inspiram em Mulheres.

Você se inspira em alguma artista de Hip Hop dance para dançar?
32 respostas



Arquivo pessoal – Pesquisa TCC

Na cena do *Hip-Hop dance* no Brasil, de quando você iniciou até o momento atual, você acredita que as MULHERES estão criando mais eventos, julgando mais batalhas e festivais, enfim, participando de forma mais ativa do cenário Hip-Hop dance no Brasil? (Figura 34)

Figura 38 - Gráfico 11. Participação das MULHERES em eventos, criando e participando em batalhas e festivais.

Na cena do Hip Hop dance no Brasil de quando você iniciou até o momento atual você acredita que as mulheres estão criando mais eventos, julgando ...a mais ativa do cenário Hip Hop dance no Brasil?
34 respostas



Fonte: Arquivo pessoal – Pesquisa TCC

A partir do gráfico, percebemos que 94,1% acreditam que houve um aumento da participação de MULHERES na criação de eventos, julgando mais batalhas e festivais, 2,9% não sentem a diferença e 2,9% acreditam que diminuiu, com destaque maior as que acreditam que houve um aumento grandioso na participação das MULHERES, isso mostra o quanto as MULHERES estão protagonizando cada vez mais.

Neste momento, perguntamos para as participantes se já participaram de eventos protagonizados só por MULHERES, ou seja, evento feito por ELAS? 52,9% disseram sim e 44,1% que não (Figura 35).

Figura 39- Gráfico 12: Participação de eventos protagonizados por MULHERES.

Já participou de eventos protagonizados só por mulheres? Ou seja evento feito por elas?
34 respostas



Fonte: Arquivo pessoal – Pesquisa TCC

Dando continuidade, na pergunta anterior perguntamos “Se sim, quais eventos?” e tivemos vários eventos sendo citados. Vamos destacar alguns para compartilhar com vocês, entre eles:

MULHERES na Cena
Kirls Krump
Conexão Urbana
Casa de verão
Mercedes ladies
Desafio D.I.V.A.S
Gurias Battle
Batom Battle
Waacking Tim
MOVIN
Ritmei
AGOSTO DAS DEUSAS
O movimento
Soul Younity

Workshop Yo! Girls

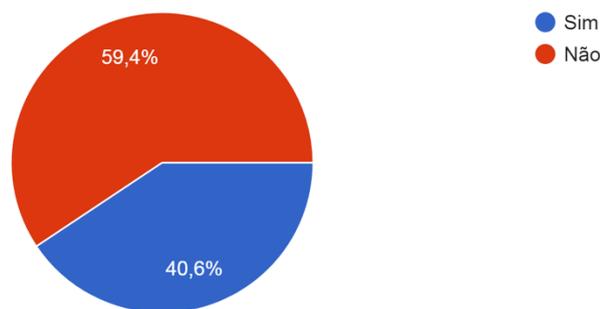
Confirmou-se que sim, existem eventos realizados por MULHERES com o objetivo de fortalecer a cena FEMININA da dança e do *Hip-Hop dance* e dar protagonismo para as MULHERES, fazendo assim com que cada uma se sinta potencializada, tanto em grupo, quanto na sua individualidade.

Sobre a participação de alguma crew, grupo, coletivo ou rede de MULHERES: das participantes, 59,4% não faziam parte de crew e 40,6% fazem parte, é possível salientar que em crews, ainda é baixa a participação de MULHERES (Figura 36).

Figura 40 - Gráfico 13. Participação das MULHERES em Crew.

Participa de alguma crew, grupo, coletivo ou rede de mulheres?

32 respostas



Fonte: Arquivo pessoal – Pesquisa TCC

Na nossa última pergunta, nada mais justo do que perguntar às MULHERES quais cantoras lhe inspiram: Pensando que música e dança andam juntas, quais são as MULHERES do cenário do Rap Nacional e Internacional que te inspiram? Pensando em empoderamento e resistência? As respostas foram diversas cantoras como segue, deixamos os nomes se duplicarem para representar que uma mesma cantora inspira inúmeras artistas da dança: **Flora Matos, Rose MC, Sharylaine, Negra Li, Karol Conka, Tasha e Tracie, Juju Rude, Mc Luana, Abronca, Preta Rara, Nicki Minaj, Flora Matos, Beyoncé, Rihanna, Missy Elliott, Lauryn Hill, Luedji Luna, Missy Elliott, Drik Barbosa, Stefanie, Ari, Negra Li, Tasha e Tracie, Camila CDD, Doja Cat, Agnes Mariá, Queen Latifah, Tássia Reis, Ashnikko, Glória Groove, Mc Lyte,**

Rah Digga, Tássia Reis, TLC, Saweetie, DoeChii, Coi Leray, Queen Latifah, Latto, Faith Evans, Mary J Blige, Reykjavik Adu, Bahamadia, Mc Lyte, Isaura Sheriff, Mambita Negra (Argentina); ainda Nacionais, Negra Li, Dina Di, Dona Kelly, T.I.N.A, Ana Preta, Rose MC, Ieda Hills, Drika Barbosa, Flora Matos, Bivolt; internacionais Queen Latifah, Aaliyah, Ciara, Missy Elliott; não escuto Mc Soffia, Missy Elliott Beyoncé, Rihanna, Jennifer Lopez, mas Hip-Hop como: R&B, Negra Li, Drik Barbosa, Karol Conka, Tawane Theodoro, Tasha e Tracie, Flora Matos, Queen Latifah, Mc Lyte, Niki, Doja Cat, Megan Thee Stallion, Iggy Azalea, Negra Li, Azzy, Cynthia Luz, Nicki Minaj, Cardi B, Beyoncé, Stefanie e Mary J Blige TLC, Missy Elliott, Queen Latifah, Luanna, Eboni, Ana Ju, Trasha e Trace.

Após apresentar os resultados de maneira geral, na sequência, recorro as análises em três esferas, paralelamente com minhas experiências: as batalhas, competições de maneira geral, as produções e participações e o ensino do *Hip Hop dance*.

4.1 ELAS batalham

A partir do questionário e das vivências adquiridas no decorrer das minhas experiências, iniciarei o diálogo sobre MULHERES em batalhas de *Hip-Hop dance* MULHERES. O questionário nos mostra que 47,1% participam de batalhas de *Hip-Hop*, aparentemente, esse índice ainda é bem baixo, mas antes vamos trazer o significado de Batalha, obtido no Dicionário Online Priberam (2022) “Batalha é um substantivo FEMININO - 1. Ação geral de guerra, entre dois exércitos ou duas esquadras, combate, luta 2. Oposição de forças ou de ideias, luta 3. Esforço para conseguir algo ou para superar dificuldades, luta. Origem etimológica: latim tardo *battualia*, *-ium* ou *battalia*, *-ium*.”

Batalhas de dança acontecem em ambientes competitivos e, algumas vezes, em festas, protagonizadas por dançarinas/os que duelam entre si, os participantes precisam dar o melhor de si nesse momento, levando em conta a técnica, o domínio e regras estipuladas pelo evento. A Batalha interna também entra em jogo, tendo em vista que questões como ansiedade e nervosismo podem atrapalhar o desenvolvimento na sua entrada, seu psicológico também precisa estar preparado.

Houve uma transformação, ou seja, alguns jovens membros de gangues que competiam por territórios se identificaram com um movimento cultural que nascia, seja pela música, pela dança, pelos grafites; contudo, a competição e a luta por reconhecimento se manteve. (RIBEIRO, CARDOSO.2011)

Para Cabral (2023), As Batalhas de Danças são eventos competitivos protagonizados por dançarinos de qualquer estilo de Dança, que se encontram neste guarda-chuva das Danças Afro-diaspóricas, Norte e Sul Americanas. Estes eventos emergiram junto com a primeira técnica de Dança, o *Breaking*, na qual é protagonizado pelos *Bboys* e *Bgirls*, pela busca de algum reconhecimento e pela premiação, título ou ego, mas que tem sua ancestralidade em outros contextos culturais na África. (CABRAL, 2023). Ninguém deve entrar no palco com o pensamento de vitória ou derrota, entretanto, é muito importante saber e acreditar na sua mente que ninguém pode vencer você. (NESS, 2007. p.38)

Segundo Correia (2017), a pista de disputa parece democrática, trata-se de um espaço delimitado por uma roda, de onde um espectador desprende e vira dançarino ao adentrá-lo. (CORREIA, 2017. Pág.214) Características originais da dança de rua se mantém, que é a apresentação em formato de duelo. Este formato é conhecido nos relatos históricos como racha, porém nos textos de divulgação dos eventos atuais recebe o nome de batalha. (CORREIA, 2017)

Nas minhas participações em batalhas de *Hip-Hop Dance*, sempre percebi a baixa participação das MULHERES, acredito que a tensão de se colocar nesse ambiente ainda é difícil para algumas, até mesmo por conta de julgamento ou por realmente não se sentirem preparadas o suficiente. Sempre participei de batalhas onde a predominância de homens é muito alta.

PARA MIM isso nunca foi um problema, eu sempre quis estar imersa, dançar e mostrar que as MULHERES também estavam na casa, era esse meu pensamento e ainda é, não me sentia intimidada, pelo contrário, gostava de rachar¹⁶ contra os caras (homens), mas compreendo que a batalha ainda é um ambiente pouco frequentado por MULHERES. Em minhas participações em batalhas de *Hip-Hop dance*, uma marcante foi no ano de 2019, quando participei de um evento chamado

¹⁶ Racha. Na fase inicial, através da análise documental, ficou nítido que uma das características originais da dança de rua se mantém, que é a apresentação em formato de duelo. Este formato é conhecido nos relatos históricos como racha, porém nos textos de divulgação dos eventos atuais recebe o nome de batalha. (Correia, 2017 pág. 218)

MDA, no Rio Grande do Sul. Eram 50 participantes, 49 homens e 1 MULHER, EU. Esse evento me marcou demais por ser a única MULHER na categoria. A batalha sempre foi um ambiente que me desafiou e desafia, me dá um frio na barriga, mas é gostoso. Essas sensações viciam e, ao mesmo tempo, me fazem conhecer mais a mim mesma em momentos de tensão. Das batalhas que participei, a atual foi a do evento “Summer Dance Brasil” realizado em Balneário Camboriú, Santa Catarina, em janeiro de 2024, onde fui vencedora ao total de 32 participantes, entre homens e MULHERES.

Figura 41 Summer Dance Brasil 2023 #paratodasverem Mulher negra de calça larga cinza, blusa preta, blusa roxa no ombro direito e blusa verde com letras amarelas no ombro esquerdo, tênis branco e preto; nas mãos uma folha com letras brancas e vermelhas; atrás dela parede preta.



Fonte: Arquivo Pessoal

Os 47,1% do questionário na Figura 28, ou seja, menos de 15 (quinze) MULHERES, está abaixo do que gostaríamos que fosse, mas acredito que esse índice vem mudando e as MULHERES estão protagonizando e ocupando espaços dentro do *Hip-Hop dance* inclusive em batalhas. É importante ressaltar também que 44,1% das participantes do questionário trabalham com o *Hip-Hop dance* há mais de 8 anos, o que possibilita a entender que existem, sim, MULHERES atuantes em diversas possibilidades que a dança *Hip-Hop dance* tem.

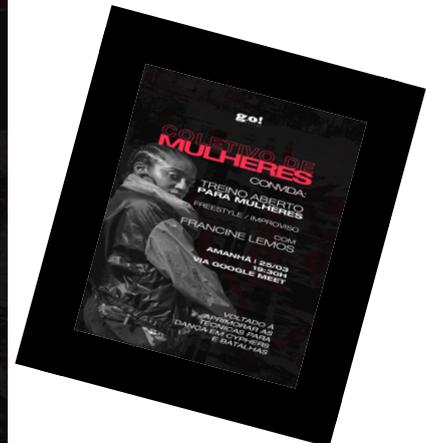
Atualmente, além de competir em batalhas de *Hip-Hop dance*, tenho atuado como jurada, é uma experiência incrível, é uma responsabilidade gigantesca. Ao julgar uma batalha de *Hip-Hop dance*, é importante entender e saber as entradas de cada um, afinal, naquele momento, não é julgado somente dança, mas sim a história trazida no corpo de cada competidora.

O questionário mostrou um índice de 23,5% de MULHERES julgando batalhas de *Hip-Hop dance* na Figura 28, o que ainda é bem pouco se relacionarmos com as MULHERES que batalham. Por fim, a importância de ter uma MULHER julgando é de fato um protagonismo e uma representatividade para aquelas que, um dia, sonham em estar nesse meio e isso precisa ser entendido pelos contratantes, pois, atualmente, o índice de MULHERES atuando está crescendo.

Na Figura 38, apresento um flyer das minhas ações para capacitar mais MULHERES, esse coletivo de mulheres me convidou para ministrar um treino aberto para as MULHERES focando no freestyle e no improviso acerca do *Hip Hop dance*.

Porém, é importante destacar que, além das batalhas, também existem outros tipos de ambientes competitivos que as MULHERES também fazem parte como coreógrafas, são: competições de palcos, grupos, solos, duos, que acontecem em eventos de dança e possuem uma banca de jurados/as que avaliam essas coreografias que possuem toda uma composição, elementos cênicos para abrilhantar e dar sentido ao trabalho.

Figura 42. Flyer de divulgação #paratodosverem fundo preto, letras vermelhas e brancas; mulher negra ao fundo olhando para o lado.



Fonte: arquivo pessoal

4.2 ELAS fazem, ELAS participam

Para iniciar o diálogo sobre eventos feitos por MULHERES e eventos que ELAS participam, vamos destacar a importância desses eventos para o protagonismo FEMININO.

As MULHERES conquistaram (e continuam conquistando) diversos espaços no mundo do trabalho, dia após dia. ELAS mostraram que podem atuar no ramo que quiserem e serem excelentes nisso – no setor dos eventos, não é diferente. A liderança FEMININA em eventos tem sido cada vez mais frequente e conta com diversas organizadoras bem-sucedidas e inspiradoras. (MELLO, 2022)

Para Schimenes (2024), as MULHERES são reconhecidas por impulsionar criatividade e inovação, abraçando a disfunção com menos hesitação. No dinâmico e competitivo setor de eventos, essas qualidades FEMININAS destacam-se, contribuindo significativamente para o seu desenvolvimento e evolução. Segundo Mello (2022), a importância da representatividade FEMININA também nesse setor se justifica pela necessidade do reconhecimento e a manutenção na igualdade entre os gêneros, a busca pelos direitos individuais e reafirmação da identidade da MULHER como ser humano igualmente competente e capaz.

Portanto, com base nas respostas que as participantes deram na pergunta onde questionamos se já participaram de eventos protagonizado por MULHERES, na Figura 35, o índice foi de que 52,9% já participaram e 44,1% não participaram, isso significa que os eventos que estão acontecendo pelo Brasil afóra estão obtendo um impacto positivo para as MULHERES que fazem parte da cultura Hip-Hop.

Estes eventos realizados por MULHERES têm uma grande significância para a cena FEMININA do *Hip-Hop dance*, pois, paralelo a isso, o aumento de MULHERES em eventos batalhando ou como juradas aumenta, pela importância da representatividade nesses ambientes. Perguntamos também para as participantes nomes de eventos realizados por MULHERES e protagonizados por ELAS, muitos eventos foram citados de vários lugares do Brasil. Os eventos feitos por MULHERES priorizam o protagonismo delas, além de produzir o evento e potencializar umas às outras, toda a parte de apresentação, DJs, Juradas, MCs são de MULHERES possibilitando ainda mais a apropriação daquele espaço, isso faz com que as MULHERES se sintam pertencentes do movimento.

É importante ressaltar que as MULHERES que participam de eventos organizados por homens, muitas vezes sentem o ambiente mais masculinizados e isso gera um desconforto, mas quando o evento é realizado por MULHERES e pensado em receber o público FEMININO, isso torna tudo mais aconchegante, ouvi várias vezes essa afirmação no evento que eu organizei e participei.

Tem eventos que nem a premiação é pensada para uma MULHER que venha ganhar e isso também é uma pauta que eventos realizados por homens precisam dar uma atenção.

Nas minhas experiências, além de participar de batalhas, também participo de outros eventos. Já fui diretora artística de espetáculos de dança, no ano de 2023, na disciplina de montagem cênica, na própria licenciatura em dança, montei um espetáculo chamado “Mendigos” que abordava a vida de um jovem morador de rua e, no ano de 2023 também, participei como solista do Espetáculo Dunas “Canto de Um Canto do Mundo Hip Hopera¹⁷”. Não abordei uma questão específica sobre esta temática no questionário.

Por fim, também partindo das respostas do questionário, o percentual de MULHERES atuando na montagem de coreografias para festivais de dança é de 20,6% e MULHERES que montam coreografia para espetáculos teve um percentual de 26,5%, sendo assim, o maior índice foi de 58,8%. artista da cena que dança profissionalmente em espetáculos e comerciais, dados esses disponíveis na Figura 28. Acerca da área de atuação no *Hip-Hop dance*, das participantes apresentadas, a maior porcentagem foi para trabalho como artista de cena, uma resposta que não esperava, por este motivo não solicitei mais detalhes, demonstrando que é uma área ainda a ser estudada.

4.3 ELAS ensinam

Dê uns anos pra cá, na minha trajetória, estou ministrando Workshops de *Hip Hop dance* e confesso que é muito gratificante, pois na maioria das vezes percebia muitas alunas MULHERES em aulas de homens e poucas ministrando essa modalidade, então, são duas representatividades, uma é por ser MULHER e outra por ser MULHER NEGRA e é visível que quando chego para ministrar uma aula ou até mesmo julgar, as participantes/alunas, naturalmente, se sentem representadas. É isso que eu sinto também, quando vejo uma MULHER nesse posto e, sendo MULHER negra, me alegra mais ainda. No ano de 2021, tive um convite de um coletivo de MULHERES de Belo Horizonte MG para ministrar um treino aberto

¹⁷ Espetáculo Dunas Canto de um Um, Canto do Mundo Hip Hopera:
<https://www.youtube.com/watch?v=sCRbpOzThw0>

(Figura 38) para MULHERES, foi muito importante para mim compartilhar e ouvir tantas MULHERES. É tão rico quanto MULHERES potencializam outras.

A partir das minhas vivências, ministrando workshops de *Hip-Hop dance* a alguns anos em eventos, academias e até mesmo aulas regulares de Hip-Hop dance em Pelotas, julgando batalhas de *Hip-Hop* e batalhando, percebo a necessidade de estar nesses lugares, poder ensinar e potencializar as pessoas em geral, porém, com foco em gerar sentimento de capacidade em MENINAS e MULHERES, pensando também em metodologias de aulas acessíveis para que essas MULHERES não tenham medo ou receio de participar de uma aula de *Hip-Hop* ou até mesmo batalha de *Hip-Hop* e se sintam confortáveis para entrar em uma roda de dança.

Na figura 28, apresenta que 44,1% das MULHERES ministram Workshops e oficinas de *Hip-Hop dance*, ou seja, ainda existem mais MULHERES ministrando workshops e aulas regulares, do que batalhando e julgando. Realmente as MULHERES estão ocupando os espaços, mesmo que seja lentamente, ELAS trabalham em diversos segmentos.

Trazendo mais alguns dados do questionário para essa reflexão, 84,4%, Figura 30, participa de cursos, eventos e encontros de *Hip-Hop dance*, entendemos a partir desse percentual, que as MULHERES estão sempre à procura de mais conhecimento para ampliar e se aprimorar, aumentando sua carga de conhecimento intelectual.

No questionário, Figura 29, foi possível perceber que 44,1% trabalham com *Hip-Hop* há mais de 8 anos, com certeza essa porcentagem ainda está abaixo da média de MULHERES que poderiam estar atuando e empoderando, através de suas práticas, outras MULHERES.

Vale destacar no questionário a participação da **Tatiana Souza de Maringá**, do Paraná, que é uma MULHER super potente, que criou uma escola de dança onde o ensino é só para MENINAS, a *Street Company*¹⁸. **Tatiana Souza** é um exemplo de força FEMININA, desde a direção, também pensando na licenciatura e formas de ministrar aulas de *Hip-Hop dance* para crianças.

¹⁸ Street Company Tatiana Souza: <https://www.streetcompanytatianasouza.com.br/>

Durante a pesquisa conheci uma MULHER que criou um método de ensino lúdico de *Hip-Hop dance*, uma ferramenta para professoras/es trabalharem com as crianças em suas aulas. **Conta Audrey Duran (2021) criadora do método:**

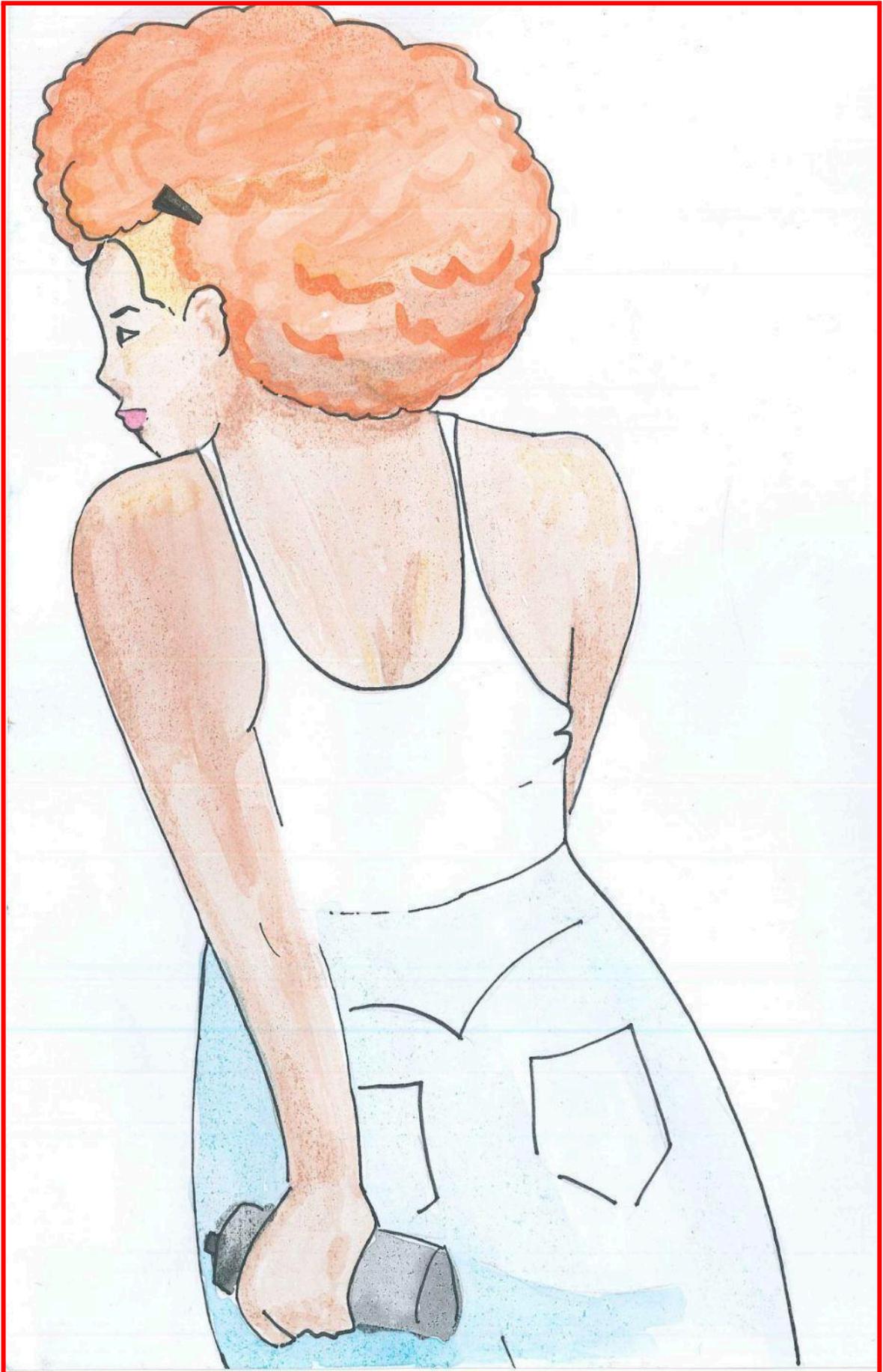
Desenvolveu algo nessa área para ajudar professores a disseminar a dança *Hip-Hop* de forma lúdica e divertida essa metodologia vocabulário lúdico do *Hip-Hop dance* conta a história por trás de cada dança social e para cada passou criei uma música e um personagem específico, cada música conta a história do movimento através dela tudo para ficar mais atrativo às crianças, o elemento visual e elemento aditivo ligado ao universo infantil atrai muito mais a atenção às crianças uma forma delas aprender brincando. (Duran, 2021)

Essa metodologia possibilita a criança aprender o *Hip-Hop dance* brincando, o que é saudavelmente necessário para as crianças. É importante pensar que as MULHERES estão sempre trabalhando no campo na inovação, sempre estudando, seja na sua teoria ou na sua prática, ELAS estão presentes dentro do *Hip-Hop*.

No ato de ensinar, existem inúmeros fatores para além do ensino tecnicista da dança, sim, respeitar a técnica da dança é extremamente importante, mas como professora entendo que é relevante nas aulas de *Hip Hop dance* contextualizar a cultura, representatividade e a origem da dança e sua importância.

Além disso, explanar sobre as vestimentas, que também fazem parte da contextualização da cultura, também é um tema abordado em aulas, pela experiência na cena e por vídeos e pesquisas, confirma-se que as MULHERES pertencentes a cultura *Hip-Hop* e participantes de Batalha de *Hip-Hop dance*, utilizam roupas largas, isso já faz parte da estética da cultura, tênis baixo, o que ajuda na hora de dançar e, não esquecem do seu lado FEMININO, utilizando brincos, chapéus e bandanas, que antigamente eram mais usadas. Para se encaixar no “padrão” *Hip-Hop* predominante masculino, as MULHERES dançavam somente de roupa larga, quase que como um homem se veste, o tempo passou e isso melhorou muito, hoje em dia, ELAS já estão mais diversas em suas escolhas de roupas, mas muitas optam pela roupa mais larga, feminina e confortável.

Para isso, a MADREgestão é a possibilidade de ensino e de potencializar outras MULHERES a pensar sobre suas ações para o futuro, criando assim mais mulheres que gerem vidas através das suas representações.





5 Uma batalha que ainda continua!

E nessa busca pessoal e constante para alimentar ainda mais meus conhecimentos sobre o tema em questão, que é a MULHER no *Hip-Hop dance*, resolvi realizar essa monografia que teve como objetivo investigar a importância da participação das MULHERES no *Hip-Hop dance*. Imaginava que seria um tema importante a ser desbravado e foi um desafio realizá-lo, pois ainda não tinha encontrado nada referente às MULHERES nessa modalidade, então, assim como na vida, busquei conceitos com a finalidade de entender e criar outros conceitos.

O *Hip-Hop dance* é uma dança contemporânea e vem cada dia mais se inovando, e nessas inovações cada vez as MULHERES vêm tendo sua história escrita, respeitada e referenciada. A pesquisa contribui para aprofundar os conhecimentos teóricos acerca da definição da dança e de sua estética, além de destacar outras mulheres desta dança que eu admiro e me espelho.

Para que esse desenvolvimento fosse possível, através de um questionário consegui me conectar com MULHERES de vários estados, podendo assim entender mais sobre as vivências de cada uma dentro do *Hip-Hop dance* e relacionar os resultados com a minha vivência dentro do *Hip-Hop dance*, o que tornou o trabalho mais significativo, particularmente, enquanto Artista-Pesquisadora-Intérprete.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho ajudou muito a dar uma direção, para que assim, como a dança, minha escrita tivesse um repertório coerente com questionamento e capítulos, essenciais para o aprofundamento dos pensamentos, mas confesso que foi difícil. Conte com a colaboração da artista **Gisele** e da minha **orientadora** para edição das imagens e para auxiliar na formatação nas normas acadêmicas, relação direta com o procedimento metodológico, poeticamente.

A pesquisa foi muito significativa para mim, pois, além de trazer reflexões acerca da MULHER no *Hip-Hop dance*, me fez enxergar para além, ou seja, me fez perceber ainda mais o quanto as MULHERES estão e sempre tiveram imersas na cena, seja produzindo evento, batalhando, julgando, ministrando workshops, proprietárias de academias só que a maioria das vezes são apagadas como se não estivessem participando.

Acredito na potência desses eventos que foram citados no meu questionário, pois comprova como realmente as MULHERES estão produzindo e criando seus próprios espaços, gerando em mais MULHERES o desejo de fazer a cena crescer, pois quanto mais MULHERES estiverem na linha de frente, mais ELAS se empoderam e potencializam umas às outras.

O desenvolvimento dessa pesquisa mostra que realmente a MULHER vem ocupando esses espaços, porém ainda o índice é baixo em relação aos homens, atuando no mercado do *Hip-Hop dance*. Uma coisa é certa, o questionário respondido pelas participantes também mostra que o aumento de MULHERES é grande, referente há alguns anos, porém o foco agora é ver esse índice crescer.

A minha trajetória é marcada pela minha vivência e por ter sempre ao meu lado MULHERES mais potentes, seja na vida ou na arte, nascendo em mim uma vontade de potencializar MULHERES através da dança, contribuindo positivamente para seu conhecimento pessoal e artístico. Portanto, acredito que essa pesquisa é contínua, juntamente com a prática e com as vivências minha e de todas as MULHERES que fazem parte da cena, sabendo que essa luta ainda continua e que as MULHERES vão seguir ocupando esses lugares e fortalecendo umas às outras, pois o questionário mostra que cada vez mais as MULHERES estão estudando, estão buscando o aperfeiçoamento na área.

Dessa maneira, me sinto satisfeita de poder trazer, para um curso de licenciatura, esse tema voltado a cultura *Hip-Hop* e ao *Hip-Hop dance*, contribuindo para pensar ainda mais sobre as MULHERES nessa modalidade, na qual eu também faço parte e acredito na necessidade de pesquisa acerca desse tema, pensando nesse corpo FEMININO e político, dando ainda mais voz e lugar para a MULHER também na escrita.

Acredito que essa pesquisa contribuiu e vai seguir contribuindo para continuarmos escrevendo mais outros capítulos da nossa história dentro do *Hip-Hop dance*, afinal os anos se passam e as MULHERES estão cada vez mais incluídas e capacitadas para chefiar ambas as profissões, podendo trazer autoras para alimentar essa pesquisa, nos mostrando o quanto temos que seguir em busca de nossos ideais, acreditando sempre em quem somos e aonde queremos chegar.

A batalha continua! Juntas!

6 Referências

ADADELEKUN, Emmanuel. **O que é Breaking?**.Red Bull.2022. Disponível em:<<https://www.redbull.com/pt-pt/historia-do-breaking>>.Acesso em:12 de Fevereiro de 2024.

ADICHIE. c.ngozi . **Sejamos todos feministas**. Baum, Christina. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ALVES. Ana Paula Hora. MORAES. Déborah M. MULHERES na dança do movimento Hip-Hop: a construção do sujeito reflexivo a partir de uma nova pedagogia de gênero.**Revista Gênero - Dossiê gênero e educação física**. 10, Niteroi, v. 10, n. 1, p. 31-46, 2. sem. 2009. Disponível em; <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30887> Acesso: 17 de fevereiro 2023.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 6.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

ANTONELLO. Geise Graziane Goularte., ANDREOLA. Maria Tereza. **Empoderamento FEMININO**. Trabalho de pós-graduação- MBA business intuition - RJ, 2019. Disponível em: <http://repositorio.faculdadeam.edu.br/xmlui/handle/123456789/555> Acesso: 18 março de 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2018. 74 p

BRETRAS.Aléxia; AVIS,Angela. **MULHERES, raça e Classe**. tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244P. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2019.v42n2.12.p235> Acesso: 18 de março de 2023.

CABRAL. Jeferson Leonardo Manfroni. **BATALHA DA VIDA: UM ESTUDO DAS BATALHAS DE DANÇA E A PREPARAÇÃO DOS/AS ARTISTAS DE Hip-Hop DANCE**: Monografia, Graduação em dança Licenciatura – UFPEL, 2023.Disponível em: <https://pergamum.ufpel.edu.br/acervo/125726>. Acesso: 20 de fevereiro de 2024.

CARDOZO, Débora. Questionário Hip Hop MULHERES. **A Mulher no Hip Hop dance: Resistência e Empoderamento ,2024**. Disponível em:

<https://docs.google.com/forms/d/1I0ZXKmCMoxmLJEGWNwv3xQGj9dhgF0hT8cXhJTSgTvE/edit>. Acesso: 22 de fevereiro de 2024.

CHAER, Galdino .DINIZ , Rafael Rosa Pereira. RIBEIRO, Elisa Antônia. **A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Paraná,PR, Evidência ,Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011 . Acesso em: 10 de Fevereiro de 2024.

CHIARADIA, Aliana. **Protagonismo e empoderamento FEMININO: 5 aprendizados da minha jornada!** Guia da alma.Blog 2023. Disponível em: <<https://guiadaalma.com.br/protagonismo-empoderamento-FEMININO/>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2023

CORREIA, Adriana Martins. Do racha da rua à batalha no palco: cenas das danças urbanas. **Motrivivência revista de educação física, esportes e lazer LaboMídia – UFSC**. Abril, 2017. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p213/34008>> Acesso em: 10 de Fevereiro de 2024.

COURA,Alice..**A Invisibilização do rap FEMININO no Brasil**. Fala Universidades.Blog ,2021, Disponível em: <https://falauniversidades.com.br/a-invisibilizacao-do-rap-FEMININO-no-brasil/>. Acesso: 30 de novembro de 2023

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016. 244p . Acesso: 15 de abril de 2023.

DIAS. Belidson. IRWIN. Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia/**. ed. UFSM - santa maria RS, 2013. Acesso em: Acesso: 15 de abril de 2023

DICIO dicionário online, **Significado da palavra /Resistência..** Disponível em: <https://www.dicio.com.br/resistencia/> :Acesso: 08 de abril de 2023

DORNELLES, Greyce. Questionário Hip Hop MULHERES. **A Mulher no Hip Hop dance: Resistência e Empoderamento ,2024**. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/1I0ZXKmCMoxmLJEGWNwv3xQGj9dhgF0hT8cXhJTSgTvE/edit> . Acesso: 22 de fevereiro de 2024.

DURAN, Audrey. **Vocabulário Lúdico do Hip-Hop Dance - Audrey Duran**. 2021.Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w_6-V9gOAOI . Acesso:17 de fevereiro de 2024.

DURDEN, Moncell. **Beginning Hip-Hop Dance**. University of southern California.2019. Acesso em: 12 de dezembro de 2023.

ELAS. ELAS por. **Ministério das MULHERES cria o fórum nacional de MULHERES do movimento Hip-Hop**. Blog PT Defende o Brasil, Defende Você Publicado:05/02/2024. Disponível em: <https://pt.org.br/ministerio-das-MULHERES-cria-o-forum-nacional-de-MULHERES-do-movimento-hip-hop/>>. Acesso: 12 de fevereiro de 2024.

FERREIRA, Jeff. **Apagamento e Silenciamento das MULHERES no Hip-Hop**. Editora dando letra, 2020. Disponível em: <<https://www.submundodosom.com.br/2020/02/apagamento-e-silenciamento-das-MULHERES.html>>. Acesso em: 08/01/2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA , Denise tolfo .**Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS, Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009- pág 33-34. Acesso: 21 de abril de 2023.

GOMES, L.f.e (2019). **Ser Pardo: o limbo identitário-racial brasileiro e a reivindicação da identidade**. *Cadernos De Gênero E Diversidade*, 5(1), 66–78. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/31930/18982>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2024.

HELLER, Eva, 1948-2008. **A psicologia das cores : como as cores afetam a emoção e a razão / Eva Heller; [tradução Maria Lúcia Lopes da Silva]. -- 1. ed. -- São Paulo: Gustavo Gili, 2017**. Acesso: 12 de dezembro de 2023.

Hip-Hop, House New School dictionary foundation. Hip-Hop tutorial. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JdsvDJDrfl4&t=1500s&ab_channel=HipHoptutorial Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

Hip-Hop. Portal MULHERES no. Documentário 7a Fórum Nacional de MULHERES no Hip-Hop.Produção:FNMH Organização sem fins lucrativos. Aracaju-SE,2019. 1 Vídeo(46min). Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=4YuVKkUhVKE>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

KINDLER, FraGue Moser. MITTERHUEMER,Olivia.**Meet 3 women doing their thing in the hip-hop dance scene**. Red bull.2018. Disponível

em:<https://www.redbull.com/us-en/power-women-in-hip-hop-dance-interview>. Acesso: 19 de fevereiro de 2024.

KRSONE. **The Gospel of Hip-Hop: The First instrument Hardcover**. powerHouse Books.2009. Acesso: 12 de dezembro de 2023.

LATIFAH, QUEEN. **Ladies First**. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/queen-latifah/210181/traducao.html> acesso dia 1 de fevereiro de 2024.

LEAL, Sérgio José de Machado. **Acorda Hip-Hop!: despertando um movimento em transformação**. Rio de Janeiro - RJ. Aeroplano, 2007.

LEITE. Cris. **Conheça a A importância da figura materna para construção da personalidade de uma MULHER forte**. Diário de um líder. Blog,2023. Disponível em:<<https://www.dm.com.br/blogs-e-colunas/diario-de-uma-lider/conheca-a-a-importancia-da-figura-materna-para-construcao-da-personalidade-de-uma-MULHER-forte-123187> >Acesso em:30/11/2023

LI, Negra. **Era uma vez Liliane**. Negra Li. São Paulo. Nave/We4 Music, 2022 (3:06) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8CFBk9c1f3I> . Acesso em: 30 de janeiro de 2024.

LI, Negra.**Comando**. Produção musical: Arthur Marques e Tin. 2021.(2:32)

LUIZ, Gustavo. **Pioneira no rap e homenageada pelo Google: quem foi Dina Di, cantora de Campinas que morreu há 12 anos**. g1Campinas, 2022.Disponível em:<<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2022/03/20/pioneira-no-rap-e-homenageada-pelo-google-quem-foi-dina-di-cantora-de-campinas-que-morreu-ha-12-anos.ghtml>>Acesso

MA, Jessie. **What is Hip-Hop Dance? Learn the History & Moves at Home**.Steezy .2022 Disponível: <https://www.steezy.co/posts/what-is-hip-hop-dance> . Acesso: 24 de abril de 2023

MALLET.Katlyn.**Empoderamento FEMININO**. MINDMINERSBlog,2019. Disponível em: < <https://mindminers.com/blog/empoderamento-FEMININO/> .> Acesso:29/11/2023

MATSUNAGA, Priscila Saemi. **MULHERES no Hip-Hop: identidades e representações. Dissertação de mestrado** - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2006. Acesso: 23 de março de 2023.

MELLO, Emanuelle. **Liderança FEMININA no mundo dos eventos: importância e desafios | Especial Dia Internacional da MULHER.** e-inscrição. blog.2022. 11 de fevereiro de 2024.

MENDES, Cindy.LI, Negra.MORENO, Leila.QUELYNAH. Grupo Antonia, 2006 (3:34). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L2r7qjoJmXw>. Acesso: 10 de janeiro de 2024

MICHEL. **Ponto De Cultura Aposta Em Ações De Construção E Reafirmação Da Cultura Popular Em Pelotas.** Revista partes, 2006. Disponível em: <<https://www.partes.com.br/2006/03/24/ponto-de-cultura-aposta-em-aco-es-de-construcao-e-reafirmacao-da-cultura-popular-em-pelotas/>> Acesso: 12/11/2023

MULHERES no Rap. Ep.1 A MULHER na Origem do Hip-Hop. MULHERES no Rap 2020.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hkEeaeErqiA>. Acesso: 13 de fevereiro de 2024

MAX, Hbo. Um maluco no pedaço.: Disponível em: <https://www.hbomax.com/br/pt/series/urn:hbo:series:GXdLWQggPHKXCPQEAAAk>. Acesso em : 21 de fevereiro de 2024.

NESS, Alien. The Art Of Battle - Understanding Judged BBoy Battles. Ed. Alien Ness. NY, 2007.

OLIVEIRA, Gabi. Questionário Hip Hop MULHERES. **A Mulher no Hip Hop dance: Resistência e Empoderamento ,2024.** Disponível em : <https://docs.google.com/forms/d/1I0ZXKmCMoxmLJEGWNwv3xQGj9dhgF0hT8cXhJTSgTvE/edit>. Acesso: 22 de fevereiro de 2024.

PRIETO. Amanda Magliaro. **A importância das MULHERES apoiarem umas às outras.Blog.** Disponível em: <<https://www.eusemfronteiras.com.br/importancia-das-MULHERES-apoiarem-umas-a-s-outras/>>. Acesso: 01/12/2023

PRIBERAM dicionário online, **Significado da palavra /Batalha.** Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/batalha>. Acesso em: 10/02/2024.

R.A.P, Gangster. Dina Di (Visão de Rua) - AMOR e ÓDIO. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_ICVsWWxmQo. Acesso em: 08 de fevereiro de 2024

RIBEIRO, Ana Cristina. CARDOSO, Ricardo. **Dança de rua**. Campinas, SP: Editora Átomo, 2011. Acesso: 15 de abril de 2023

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. Belo Horizonte, MG: Editora Letramento, 2017. Acesso: 07 de março de 2023.

RIBEIRO. Katiúscia, NJERI. Aza . **MULHERISMO Africana**. Programa Ciências & Letra, Video (26:56 min) Ano 2018.
<https://www.youtube.com/watch?v=wFKi_GrZXak&t=770s>. Acesso : 22 de janeiro de 2024

RIBEIRO. **Negra li, Rúbia e Dina Di Mostram que MULHERES estão no Hip-Hop desde o início**. Redação Jornal Brasília, 2023. Disponível em <<https://jornaldebrasil.com.br/entretenimento/musica/negra-li-rubia-e-dina-di-mostram-que-MULHERES-estao-no-hip-hop-desde-o-inicio/>> Acesso: 11 de novembro de 2023

ROBISON, FATIMA. **Coreógrafa**. Disponível em <https://lrculturevulture.com/2015/02/18/black-history-month-spotlight-fatima-robinso/> acesso 09 de abril de 2024.

RODRIGUES, M. N.; MENEZES, J. **Narrativa Jovens MULHERES rappers**. Unicamp 2013. Disponível em: <<http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-54.pdf>>. Acesso em: 03 de fevereiro 2024.

RODRIGUES. Priscila De Oliveira. **As MULHERES na Dança do movimento Hip-Hop: Uma visão a partir dos próprios membros do movimento**. Revista Trapiche - Educação, Cultura & Artes / Conexão Estudante. n.1(2014). Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/trapiche/article/view/1972> . Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

ROSALDO. Michelle Zimbalist. LAMPHERE. Louise. **A MULHER, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 1979. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1580/sherryortner.pdf?sequence=1> Acesso: 07 de março de 2023.

ROSARIO. Questionário Hip Hop MULHERES. **A Mulher no Hip Hop dance: Resistência e Empoderamento ,2024**. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/1i0ZXKmCMoxmLJEGWNwv3xQGj9dhgF0hT8cXhJTSgTvE/edit>. Acesso: 22 de fevereiro de 2024.

RECORDINGS, Yalla. **Negra Li - Raízes ft. Real. São paulo**. Ogiva Filmes. 2018 (3:19). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VQ2BFceN20s>. Acesso em: 08 de janeiro de 2024

SANTIAGO, Larissa. **Negra Li volta às raízes para projetar empoderamento e mira "virar referência"**. Revista Gente 2018. Disponível em: <https://gente.ig.com.br/cultura/2018-09-25/negra-li-novo-album.html>. Acesso: 02/12/2023

SCHIMENES, Mônica. **MULHERES Catalisadoras de Criatividade e Inovação no Setor de Eventos**. Revista EBS(Evento Business Show). São Paulo. 2024. Disponível em: <https://www.revistaebs.com.br/artigos/MULHERES-catalisadoras-de-criatividade-e-inovacao-no-setor-de-eventos/> Acesso em: 11 de fevereiro de 2024.

SCHOOL OF BREAKING. Hip-Hop History-Cindy Campbell. Blog, Disponível em: <https://www.schoolofbreaking.com/cindy-campbell/> > ,

SILVA, Ana Cristina Ribeiro. **Laboratório Hip-Hop: Arte, Educação, Batalha – Cia Eclipse e Convidadas(os) e suas anDanças**. Cia Eclipse - Campinas, SP. LiteraRua, 2021.

SMITH, Charlene. Hip Hop Dance: Bounce, Groove e Rock. Apollo90, 1v.(6min). New Work. 2024. Disponível em: <https://www.apollotheater.org/library/hip-hop-dance-bounce-groove-and-rock/>

SOBREIRA, Gabriela. **A importância do envolvimento da MULHER no Hip-Hop**. BPEblog. 2017. Disponível: <https://blackpipe.com.br/2017/08/09/importancia-do-envolvimento-da-MULHER-no-hip-hop/> . Acesso em: 13 de abril de 2023.

SOUZA, Emanuely Cristina Vale. **A DUPLA RESISTÊNCIA FEMININA: reflexões sobre os desafios de inserção e permanência no âmbito público político. IX jornada internacional de políticas públicas - UFMA**. Centro de ciências sociais - programa de pós-graduação em políticas públicas. São Luiz - MA, 2019. Acesso: 15 de abril de 2023.

TED-ED. **A história da dança social afro americana**. Produção: Camille A. Brown. [S.l.]. 2016. 1 Vídeo (4min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dpCBMwAweDI>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Vice-Reitoria. Coordenação de Bibliotecas. Manual de normas UFPel para trabalhos acadêmicos. Pelotas, 2023.

Revisão técnica de Aline Herbstrith Batista, Dafne Silva de Freitas, Suelen Aires Böettge. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/sisbi/normas-da-ufpel-para-trabalhos-academicos/>.

---- Clawdia Ejara - Eu Vou Invadir. 2019. (5:56) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oyOx7LwAWI4>.

---- Emilio Eduardo Austin, Jr. aka Buddha Stretch. Disponível em: <https://and8.dance/en/artist/buddha.stretch>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2024

---- **HEMOPTOPCHANNEL.** 2017. Disponível em : <https://www.youtube.com/@THEMOPTOPCHANNEL>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2024

----**Henri Link.** Disponível em: <http://www.eliteforcecrew.com/profiles/henry-link/> . Acesso em: 15 de fevereiro de 2024

--- **Lindsay vs Bogdan The Flava TOP 24 Hiphop Forever - Summer Dance Forever 2022.** Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=C6tNJRI6KXY>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2024

----**Método Uantpi.**2023. Disponível em: <https://metodouantpi.wixsite.com/uantpi>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024

----**Vocabulário Lúdico Hip Hop dance** .2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C038f6xOvct/> . Acesso em: 20 de fevereiro de 2024

7 Apêndice

Link:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScsiLU_QrRB8i-sjmNcr2N23JVbOdUuef8CfVEXYU7H10fzLw/viewform?usp=sf_link

A Mulher no Hip Hop dance: Resistência e Empoderamento

A presente pesquisa compõe meu trabalho para a conclusão do Curso de Graduação Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), nos componentes curriculares Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) 1 e 2.

Francinedancarina@gmail.com [Mudar de conta](#)



Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

Bem Vindas ao meu questionário!
Desde já obrigada pela participação!



DECLARO, que tenho ciência e autorizo a professora-artista-pesquisadora FRANCINE LEMOS a coletar, analisar e citar dados e textos do questionário abaixo.

Ciente

Asseguro que o nome da entrevistada não será revelado na publicação das informações, caso a mesma faça a opção pelo anonimato.

Com anonimato

Sem anonimato

Nome : *

Sua resposta

Nome artístico :

Sua resposta

Data de nascimento : *

Data

dd/ mm/ aaaa

Auto declaração (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE) *

- Branca
- Parda
- Negra
- Indígena
- Amarela

Cidade - Estado onde reside atualmente: *

Sua resposta

Qual sua atuação como artista de Hip Hop dance? (pode escolher mais de uma opção) *

- Participa de Batalhas de Hip Hop dance É
- juri de Batalhas de Hip Hop dance Ministra
- aulas regulares
- Ministra workshops oficinas esporádicas
- Produção cultural (eventos, encontros, etc)
- É artista da cena - dança profissionalmente em espetáculos, comerciais, etc É juri
- de festivais competitivos
- É coreógrafa de festivais competitivos

É coreógrafa de trabalhos artísticos com duração acima de 25 minutos:
espetáculos, intervenções, etc

outro

Se destacou OUTRO na questão: Qual sua atuação como artista de Hip Hop dance? Por favor descreva QUAL ou QUAIS?

Sua resposta

Há quanto tempo trabalha com o Hip Hop dance? *

1 a 3 anos

4 a 7 anos

8 a mais

Já participou de eventos, cursos, encontros de Hip Hop dance em outro estado (fora da sua residência)? *

Sim

Não

Já participou de eventos, cursos, encontros de Hip Hop dance em outro país? *

Sim

Não

Próxima

[Limpar formulário](#)

A Mulher no Hip Hop dance: Resistência e Empoderamento

ana.cristina@ufpel.edu.br [Mudar de conta](#)



Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

Sobre as Mulheres na tua Vida.

Você teve professoras mulheres quando iniciou no Hip Hop dance? *

- Sim
- Não

Você se inspira em alguma artista de Hip Hop dance para dançar? *

- Sim
- Não

Se sim, qual ou quais?

Sua resposta

Na cena do Hip Hop dance no Brasil de quando você iniciou até o momento atual *
você acredita que as mulheres estão criando mais eventos, julgando mais
batalhas e festivais, enfim participando de forma mais ativa do cenário Hip Hop
dance no Brasil?

- não sinto diferença
- acredito que houve um aumento
- acredito que diminuiu
- não sei responder, nunca analisei esses dados

Já participou de eventos protagonizados só por mulheres? Ou seja evento feito *
por elas?

- Sim
- Não

Se sim, qual ou quais?

Sua resposta

Participa de alguma crew, grupo, coletivo ou rede de mulheres? *

Sim

Se sim, qual ou quais?
Não

Sua resposta



Pensando que música e dança andam juntas, quais são as mulheres do cenário *
do Rap Nacional e Internacional que te inspiram? Pensando em empoderamento
e resistência?

Sua resposta

Deixe uma mensagem/reflexão para a pesquisadora (não obrigatório)

Sua resposta



Limpar

Formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de
Serviço - Política de Privacidade

